



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL



DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL
SESSÃO CONJUNTA

ANO LXIII - Nº 020 - QUINTA-FEIRA, 4 DE DEZEMBRO DE 2008 - BRASÍLIA-DF

MESA DO CONGRESSO NACIONAL

Presidente

Senador **GARIBALDI ALVES FILHO** – PMDB – RN

1º Vice-Presidente

Deputado **NARCIO RODRIGUES** – PSDB – MG

2º Vice-Presidente

Senador **ALVARO DIAS** – PSDB – PR

1º Secretário

Deputado **OSMAR SERRAGLIO** – PMDB – PR

2º Secretário

Senador **GERSON CAMATA** – PMDB – ES

3º Secretário

Deputado **WALDEMIR MOKA** – PMDB – MS

4º Secretário

Senador **MAGNO MALTA** – PR – ES

CONGRESSO NACIONAL

SUMÁRIO

1 – ATA DA 23ª SESSÃO CONJUNTA (SOLENE), EM 3 DE DEZEMBRO DE 2008		
1.1 – ABERTURA		
1.2 – FINALIDADE DA SESSÃO		
Destinada a reverenciar a memória do líder sindical e ecologista Chico Mendes.....	3694	
1.2.1 – Apresentação de alunos da Escola Classe da 316 Norte		
1.2.2 – Oradores		
Deputada Perpétua Almeida.....	3694	
1.2.3 – Apresentação do músico Sérgio Souto		
Que interpreta as composições “Minha Aldeia”, de autoria de Sérgio Souto e Amaral Maia, e “Assim Falou Francisco”, dos autores Sérgio Souto e Joãozinho Gomes.....	3695	
1.2.4 – Oradores (continuação)		
Senadora Marina Silva.....	3695	
Senador Renato Casagrande	3699	
Tarsó Genro (Ministro da Justiça)	3702	
Carlos Minc (Ministro do Meio Ambiente)	3703	
Paulo Vannuchi (Ministro da Secretaria Especial de Direitos Humanos)	3705	
Deputado Fernando Melo	3706	
Senador Cristovam Buarque.....	3707	
Deputado Zenaldo Coutinho	3709	
Senador Eduardo Suplicy	3710	
Deputado Nilson Mourão	3711	
Senador José Nery	3712	
Deputado Chico Alencar		3714
Júlio Barbosa de Aquino (do Conselho Nacional dos Seringueiros).....		3714
Elenira Mendes (Filha de Chico Mendes)....		3715
Temístocles Marcelus (do Fórum Brasileiro de ONG e Movimentos Sociais para o Meio Ambiente)		3716
Ailton Krenak (Fundador da Aliança dos Povos da Floresta).....		3716
Lucélia Santos (atriz)		3717
Senadora Serys Slhessarenko		3717
1.2.5 – Fala do Presidente (Senador Garibaldi Alves Filho)		3719
1.2.6 – Publicação do texto “Chico Mendes – Caminheiro das Humanidade”, de autoria do Deputado Federal Pedro Wilson Guimarães.....		3720
1.2.7 – Oradores (continuação)		
Senador Valdir Raupp (art. 203 do Regimento Interno)		3724
1.3 – ENCERRAMENTO		
CONGRESSO NACIONAL		
2 – CONSELHO DA ORDEM DO CONGRESSO NACIONAL		
3 – CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL		
4 – REPRESENTAÇÃO BRASILEIRA NO PARLAMENTO DO MERCOSUL		
5 – COMISSÃO MISTA DE CONTROLE DAS ATIVIDADES DE INTELIGÊNCIA (CCAI)		

Ata da 23^a Sessão Conjunta (Solene), em 3 de Dezembro de 2008

2^a Sessão Legislativa Ordinária da 53^a Legislatura

Presidência dos Srs. Garibaldi Alves Filho, Osmar Serraglio e Tião Viana.

(INICIA-SE A SESSÃO ÀS 11 HORAS E 27 MINUTOS, E ENCERRA-SE ÀS 14 HORAS E 44 MINUTOS)

O SR. PRESIDENTE (Tião Viana. PT-AC) – Declaro aberta a sessão solene conjunta do Congresso Nacional destinada a reverenciar a memória do líder sindical e ecologista Chico Mendes.

Em especial, a Presidência cumprimenta efusivamente a Senadora Marina Silva, autora do requerimento juntamente com outros Parlamentares.

Convido a compor a Mesa o Exmº Sr. Ministro de Estado da Justiça, Tarso Genro (*palmas*); o Exmº Sr. Ministro de Estado do Meio Ambiente, Carlos Minc (*palmas*); a Srª Ilzamar Mendes, viúva de Chico Mendes (*palmas*); o Sr. Deputado Osmar Serraglio, representando a Presidência da Câmara dos Deputados (*palmas*); a Srª Ângela Maria Feitosa Mendes, filha de Chico Mendes e Presidenta do Comitê Chico Mendes (*palmas*); o Sr. Ailton Krenak, fundador da Aliança dos Povos da Floresta (*palmas*); o Sr. Raimundo Barros, membro do Comitê Chico Mendes (*palmas*).

É com imensa honra que a Presidência registra ainda a presença do Sr. Jorge Viana, ex-Governador do Acre; da Srª Marina dos Santos, do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra; do Sr. Egon Krakhecke, Secretário de Extrativismo e Desenvolvimento Rural Sustentável do Ministério do Meio Ambiente; do Sr. Raimundo Angelim, Prefeito de Rio Branco; e do ex-Senador Sibá Machado.

A longa lista de honrosos convidados será fractionada nos intervalos entre os oradores.

O SR. PRESIDENTE (Tião Viana. PT-AC) – Inicialmente, assistiremos a uma apresentação de alunos da Escola Classe da 316 Norte alusiva à presente homenagem.

(Apresentação de alunos da Escola Classe 316 Norte.)

O SR. PRESIDENTE (Tião Viana. PT-AC) – Concedo a palavra à nobre Deputada Perpétua Almeida, que usará da palavra como oradora indicada pela Câmara dos Deputados.

A SRA. PERPÉTUA ALMEIDA (Bloco/PCdoB-AC. Sem revisão da oradora.) – Sr. Presidente, Srªs. e Srs.

Parlamentares, Srs. Ministros, acreanos, convidados, admiradores da luta de Chico Mendes. Permitam-me os Srs. Ministros e demais convidados cumprimentar a Mesa na pessoa do Senador Tião Viana.

Nem esperava que seria agora, Tião, mas quero lhe dizer que é muito bom para mim e tantos acreanos que aqui estão vê-lo presidindo esta sessão. Tomara que presida muitas sessões ainda no Congresso Nacional nos próximos 2 anos.

Quero cumprimentar o ex-Governador do Acre, Jorge Viana; a Senadora Marina Silva, nossa companheira de Parlamento e co-autora desta sessão, junto com outros Deputados do Acre; o Prefeito Angelim, os companheiros Naluh, Lhé, Zuenir, Lucélia, Ângela, Ilzamar e tantos outros, em nome dos quais cumprimento os acreanos e nossos convidados.

De certa forma, companheiros, falar de Chico Mendes, cuja história todos já conhecem, é relembrar momentos de emoção; é reviver uma luta; é buscar viver, no Acre, desde quando Chico tombou, o dia-a-dia dessa luta e dos sonhos do Chico; é relembrar choros, momentos de dor, tensão. Mas é sonhar também.

Estava relendo meu discurso que ficou pronto ontem, mas resolvi deixá-lo de lado para dar ênfase a 2 questões: a primeira é a poesia, a carta, o bilhete que Chico deixou para os jovens do futuro. A segunda é o trecho de uma poesia de um acreano.

O bilhete que Chico deixou foi escrito em 1988, exatamente no ano do seu assassinato, e diz o seguinte:

*“Atenção jovens do futuro!
Seis de setembro do ano de 2120.*

Aniversário – ou centenário – da Revolução Socialista Mundial, que unificou todos os povos do planeta num só ideal e num só pensamento de unidade e pôs fim a todos os inimigos da nova sociedade.

Aqui, fica somente a lembrança de um triste passado de dor, sofrimento e morte.

Desculpem, eu estava sonhando quando escrevi esses acontecimentos que eu mesmo não verei, mas tenho o prazer de ter sonhado.

Chico Mendes.”

Então, para nós, em relação a esse legado de Chico, esse sonho de uma sociedade melhor, cada um de nós, acreanos, enche o peito quando é para falar dessa luta, desse sonho maior que Chico nos deixou.

Lembro de uma entrevista recente do Governador do Acre, Binho Marques, à imprensa acreana. Ele dizia que o grande legado do Chico, além de toda a sua luta, foi a sua capacidade de conviver com as diferenças. Acabou assim tornando-se para nós e para o mundo uma liderança em defesa de uma sociedade melhor, de um mundo melhor, em defesa da floresta, da nossa grande Amazônia e do nosso planeta.

Lerei rapidamente trechos de uma poesia escrita por um acreano no dia da morte do Chico:

“Chico,

Já não se cala a tua voz, voz firme e forte, misturando vida e morte.

Não! O chumbo não te cala. Nunca calaste para não deixar consentir.

A bala que te adormeceu, Chico, apenas nos fez resistir, insistir, persistir.

Ao cair do Chico, quem primeiro te acolheu, feito mão carinhosa, foi a terra que sempre defendeste.

Terra molhada pelo sereno de Xapurí.

A terra, Chico, que querias ver dividida, estremeceu...

Caíste feito cedro tombado por motosserra, feito castanheira, feito seringueira, feito a nós.

Tombaste, Chico, para orgulho do latifundiário, que num desespero impune troca gente por gado, troca pão por arame farpado.

Ah! Chico! Caíste pra fazer valer o grito! Grito surdo dos povos da floresta, que continuam, não param!

Agora, Chico, a terra floreia em tua homenagem...

Mas lá dentro, bem no teu leito, bate em nós o que no teu peito fez-se trovão.

Durma em paz, Chico!

Tua luta não finda com uma bala. A gente não cala!

Vamos repetir até a morte o teu sonho, a tua fala!

Já não estás só, Chico!

Estamos nós, tantos acreanos, tantos amazônidas, tantos brasileiros e tantos defensores deste planeta, de um mundo melhor, de uma sociedade melhor.”

Essa poesia é de um poeta mal resolvido, acreano, hoje Presidente da Assembléia Legislativa do Acre, meu companheiro Edvaldo Magalhães.

Parabéns. Sejam todos bem-vindos.

Muito obrigada. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Tião Viana. PT-AC) – Vamos assistir à apresentação do músico Sérgio Souto, que interpretará as composições *Minha Aldeia*, de sua autoria e de Amaral Maia, e *Assim falou Francisco*, dele mesmo e de Joãozinho Gomes.

O SR. PRESIDENTE (Tião Viana. PT-AC) – A Presidência convida para compor a Mesa o Exmº Sr. Paulo Vannuchi, Ministro da Secretaria Especial dos Direitos Humanos.

A Presidência registra ainda, com honrosa satisfação, a presença dos Srs. Deputados Federais José Genoíno, Fernando Melo, Nilson Mourão, Adão Pretto, Zenaldo Coutinho, Henrique Afonso, Gladson Cameli e Pedro Wilson. (Palmas.) Registra também a presença dos Srs. Paulo Abrão, Presidente da Comissão de Anistia do Ministério da Justiça; Temístocles Marcelus, Coordenador do Fórum Brasileiro de ONGs e Movimentos Sociais para o Meio Ambiente e Desenvolvimento – FBOMS, Executiva da CUT Nacional; José Machado, Presidente da Agência Nacional de Águas; Rômulo Mello, Presidente do Instituto Chico Mendes; Zuenir Ventura; e das Srªs. Lucélia Santos e Sueli Bellato.

A seguir, a Presidência registrará outras honrosas presenças. (Palmas.)

Não posso esquecer os ilustres colegas e amigos Senadores Eduardo Suplicy e Renato Casagrande, que compõem a Casa.

O SR. PRESIDENTE (Tião Viana. PT-AC) – Concedo a palavra à eminente Senadora Marina Silva.

A SRA. MARINA SILVA (PT-AC. Sem revisão da oradora.) – Exmº Sr. Senador Tião Viana, meu companheiro e amigo; meu grande parceiro, Ministro da Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Paulo Vannuchi.

Quero cumprimentar o nosso Ministro da Justiça, companheiro Tarso Genro, agradecendo a honrosa presença, e o Deputado Osmar Serraglio, Primeiro-Secretário da Câmara dos Deputados.

Quero cumprimentar também meu companheiro de sinal e de risco, o Ministro do Meio Ambiente Carlos Minc; a amiga e irmã Ilzamar, viúva de Chico Mendes, nossa companheira que está aqui; a Ângela Maria, filha de Chico Mendes, que representa neste ato o Comitê Chico Mendes; o nosso amigo idealizador da Aliança dos Povos da Floresta, o Txai Ailton Krenak.

Quero cumprimentar meu amigo e companheiro Raimundo de Barros, a quem eu dava uma instrução quando ele cumprimentava as pessoas: “Cuidado!” É

porque, quando ele dá um tapinha nas costas, pessoas mais frágeis como eu às vezes correm o risco de quebrar uma costela. Essa é uma brincadeira que fazemos com o Raimundo.

Quero agradecer, de modo muito especial, ao Presidente do Congresso Nacional, Senador Garibaldi Alves Filho, por ter feito a convocação desta sessão do Congresso Nacional em homenagem à memória de Chico Mendes.

O Deputado Fernando Melo, a Deputada Perpétua Almeida, o nosso querido Senador Sibá Machado e o nosso Senador Cristovam Buarque eram proponentes, juntamente comigo, de uma sessão na Câmara dos Deputados e outra no Senado. O Senador Garibaldi Alves Filho, acompanhado do Senador Tião Viana, que nos honra ao presidir esta sessão – e espero que seja uma sessão profética –, assentiram em convocar sessão solene do Congresso Nacional, juntando as 2 Casas.

Devo dizer que estou feliz também com a presença dos representantes da sociedade civil e quero cumprimentá-los, na pessoa de Temístocles Marcelo, que representa o Fórum Brasileiro de ONGs e Movimentos Sociais pelo Meio Ambiente e o Desenvolvimento Sustentável – *FBOMS*.

Srs. Parlamentares que se fazem presentes a esta sessão; meus amigos Senadores Renato Casagrande e Eduardo Suplicy – V.Ex^as. sabem que não enxergo direito e estou fazendo um esforço danado, mas eu sei que ao longo do tempo teremos a presença de vários colegas que estão divididos em várias Comissões e me disseram que estariam aqui; ex-Governador e grande companheiro Jorge Viana, a quem saúdo; Deputado Nilson Mourão; amigo Zuenir Ventura; companheiro Júlio Barbosa, que aqui representa o Conselho Nacional dos Seringueiros; amiga de sempre Lucélia Santos, que nos honra com sua presença; demais presentes, sintam-se todos abraçados e cumprimentados.

Esta sessão solene é uma espécie de reparação histórica e, por isso, ela adquire um significado muito especial. Há 20 anos, quando Chico Mendes foi assassinado, havia um grupo muito pequeno de pessoas que acolhia os militantes e apoiava a luta de Chico Mendes em defesa da floresta, dos seringueiros, dos índios e dos extrativistas. Passados 20 anos, o número de amigos ampliou-se significativamente no Brasil e em todo o mundo.

Naquela época, entretanto, não era bem assim. Eram poucas as pessoas com quem podíamos contar em alguns lugares. Só a título de exemplo, cito algumas – não vou mencionar todos, porque todos se sentirão contemplados em uma das pessoas que vou citar aqui. No Rio de Janeiro, quando nos sentíamos ameaçados,

sabíamos que podíamos contar de alguma forma com Fernando Gabeira, Lucélia Santos, Carlos Minc, Sirkis, Rosa Roldan. No Paraná, tínhamos a antropóloga Maria Negretti e outros parceiros, a quem cumprimento, na figura daquela amiga.

Nos Estados Unidos, tínhamos *Steve Schwartzman* – e cumprimento todos os amigos que faziam parte desse grupo, como Adrian e outros.

Na UNICAMP, tínhamos o Prof. Mauro Almeida, que juntamente com Manuela Carneiro dava suporte àquela luta.

Quando Chico foi assassinado, o grupo de Parlamentares que se mobilizou para ir ao Acre foi muito pequeno. Sei que o Presidente Lula e o hoje Senador Romeu Tuma tiveram de fazer um sacrifício muito grande para chegar ao Estado. Depois S.Ex^a certamente narrará a viagem naquele momento.

O certo é que foram se solidarizar com os seringueiros, os familiares do Chico e a dor de todos nós um grupo de Parlamentares do Congresso americano, liderados pelo então Senador Al Gore, que depois veio a ser Vice-Presidente dos Estados Unidos, uma figura mundialmente conhecida e respeitada pela luta que trava em defesa do meio ambiente, pelo combate àquilo que causa mudanças no sistema climático. Quando ele ganhou o Prêmio Nobel, algumas pessoas me perguntaram: “*Será que ele não pegou carona nessa história de meio ambiente?*” Eu disse que não. Há 20 anos, quando o Chico foi assassinado, Al Gore já estava nessa luta, foi lá se solidarizar conosco.

Estou dizendo isso porque hoje, passados esses 20 anos, não temos conosco apenas aqueles Parlamentares, não temos apenas aquele grupo de Parlamentares dos Estados Unidos, temos as 2 Casas do Congresso Nacional reunidas, 3 Ministros de Estado, todos vocês, reconhecendo nesta homenagem a grandeza e a firmeza dos propósitos de Chico Mendes.

Que bom testemunho, que bom legado, que boa herança ele pôde deixar para a Ângela, a Elenira e o Sandino. Que bom exemplo ele pôde deixar para o Brasil e para tantas outras nações do mundo de que um homem não é medido pelo seu tempo, mas pela história.

Certa vez me perguntaram se eu me sentia derrotada em um determinado aspecto. Eu disse que a derrota e a vitória só se medem na história. Naquela época, Chico Mendes era o derrotado, derrotado naquilo que lhe era mais profundo, mais visceral, mais radical: derrotado na batalha da vida contra a morte. Mas na história ele continua vivo. Na história ele é vitorioso. Na história, somos todos vitoriosos nos nossos propósitos, nos nossos princípios, nos nossos valores.

(Palmas.) É a história que nos une hoje, para mostrar que só ela mede a derrota e a vitória.

O Chico Mendes que estamos homenageando aqui foi um homem simples, um homem que os bons representantes da Esquerda dos velhos tempos chamariam de grande filho do povo, um homem capaz de viver para além do seu tempo, como o são todos os grandes homens e mulheres que se deixam possuir por sua causa.

Nelson Mandela viverá para além do seu tempo. Martin Luther King vive para além do seu tempo. Ghandi vive para além do seu tempo. Chico Mendes também. Esses são aqueles homens virtuosos que, embora não tenham conseguido ainda em seu tempo transformar suas virtudes em instituições, foram capazes de transmitir para mentes e corações essa tarefa. Porque as boas instituições dependem das boas virtudes, mas a sociedade não pode depender apenas da virtude dos homens e das mulheres de bem, ela precisa transformar essas virtudes em instituições. Isso é a democracia.

No Acre, essa transformação começou a acontecer no início do primeiro Governo do companheiro Jorge Viana, aqui presente. Em 8 anos, acabamos com todo aquele processo de ilegalidade que vocês conhecem – esquadrão da morte e tantas outras barbaridades – e criamos ali um Estado onde as pessoas podem se sentir dignas e respeitadas. Esse trabalho agora tem continuidade com o Governador Binho Marques, que, aliás, foi um dos professores do Projeto Seringueiro, o primeiro projeto de alfabetização para seringueiros, concebido pelo Chico Mendes. O Binho era o coordenador do projeto, com sua *Cartilha Poronga* embaixo do braço. Depois foi 3 vezes Secretário de Educação, com Jorge Viana na Prefeitura e no Governo, e hoje é o próprio Governador do Acre. O Chico jamais imaginaria que aquele menino corcunda, de nariz grande, magricela, um dia poderia ser Governador do Estado. Nunca imaginaria. Acho que ele estaria muito feliz vendo o que o Jorge fez e o Binho continua.

Esse legado do Acre tem o nome de Florestania, para nossa alegria. E, do ponto de vista nacional, ganhou forma, conteúdo e institucionalidade, uma forma e um conteúdo que atravessaram vários Governos. Temos de tratar a história de forma correta.

As conquistas para a agenda do extrativismo começaram após a morte do Chico Mendes, com a primeira reserva extrativista, criada pelo Presidente José Sarney. Daí para frente, essa agenda foi crescendo. Enfrentou dificuldades e desafios, mas cresceu de forma fantástica.

O Chico Mendes teve um projeto antecipatório para a Amazônia. Existem pessoas com essa capaci-

dade. Em geral só conseguimos fazer esses projetos para os nossos filhos. Gostaríamos que eles fossem médicos, advogados etc. – não sei se os Parlamentares desejam que seus filhos se transformem em Parlamentares. Mas, enfim, nós temos projetos antecipatórios para os filhos. Depois, quando eles assumem forma própria e querem realizar seu próprio desejo, vamos aos poucos abrindo mão dos nossos projetos, em respeito aos deles. Mas é bom que tenhamos esses projetos.

O Chico teve projetos não só para a Elenira, o Sandino e a Ângela, ele teve projetos para a Amazônia, para o Brasil. Antecipou uma idéia, a idéia do socioambientalismo, quando nem havia essa formulação teórica. Isso foi o que serviu de base para a criação das reservas extrativistas, que são a materialização do socioambientalismo, do desenvolvimento sustentável.

Ele queria que a floresta continuasse de pé, mas não numa perspectiva puramente lúdica. Sabia que a floresta deveria continuar de pé, sendo integralmente protegida, mas que ela também devia ser usada pelos índios, pelos seringueiros, por todos os que fazem uso correto da floresta, a bem do desenvolvimento econômico e sustentável em todas as suas dimensões. Chico Mendes foi capaz de, sem palavras, antecipar esse projeto com um gesto, com um ato, o ato que levou a cabo sua própria vida, no último embate que travou, lá no seringal Cachoeira.

Tive a oportunidade, Senador Tião Viana, meus colegas, de ficar 9 dias naquele embate. Sei que foi a partir dali que tudo começou; sei que começaram ali a fechar o cerco em torno da eliminação da sua vida.

E o projeto de Chico Mendes, que atravessou vários Governos, está tomando forma. Hoje há reservas extrativistas no Brasil inteiro, reservas marinhas, reservas no Cerrado, reservas na Amazônia – a maior quantidade delas, na Amazônia.

Até 2003, havia 5 milhões de hectares de reservas extrativistas. Hoje, Ministro Carlos Minc, com algumas criadas já na sua gestão, temos cerca de 11 milhões de hectares de reservas extrativistas beneficiando mais de 50 mil famílias em todo o Brasil. Esse é o legado do Chico Mendes. Essa foi a antecipação que ele fez para os seus.

A Aliança dos Povos da Floresta – está aqui o Ailton como testemunha – é a união de todos aqueles que aprenderam a lidar com a floresta respeitando os seus mistérios, mas também tirando dela o seu sustento e a própria marca da sua condição. Porque, entre os índios e as comunidades tradicionais, território e identidade são quase a mesma coisa, ainda que eles se separem também pela cultura, como nós nos separamos das coisas que fazemos.

Fiquei emocionada em ver as nossas crianças contando essa história, nervosas na nossa presença, tropeçando nas palavras. Elas fizeram uma apresentação maravilhosa. Deixaram o século XXI em branco, para que nós possamos escrever nessa página “em branco” – entre aspas – uma outra história. Essa outra história é responsabilidade de todo o povo brasileiro e de toda a humanidade, em plena crise climática do século XXI.

Eu ontem participava de um debate na Fundação Getúlio Vargas. Repeti as palavras da psicopedagoga argentina Alicia Fernández, que diz que nós somos o resultado e o produto daquilo que fazemos com o nosso passado, e não o resultado daquilo que o passado faz conosco. Se fôssemos o resultado daquilo que o passado fez conosco, teríamos sempre escravidão, eliminação dos índios, autoritarismo da ditadura, que o Paulinho busca reparar, dessa forma íntegra e digna – e que não se confunda com revanchismo, eu registro.

Se fôssemos o produto do que o passado fez conosco, continuariamos achando que defender a Amazônia e seus povos é um atraso, é lutar contra o desenvolvimento. Não. É porque estamos “ressignificando” esse passado, é porque estamos aqui para mostrar que somos fruto daquilo que fazemos com o nosso passado, é por isso que a história deste século, que ainda não está escrita, pode ser escrita de outra forma. E essa outra forma, no meu entendimento, é a forma da sustentabilidade econômica, social, ambiental, cultural, política, ética e estética.

Não podemos achar que vamos proteger os recursos naturais apenas garantindo o resultado econômico que eles nos aportam. É também preciso fazer um esforço para defendermos os recursos naturais do ponto de vista do valor ontológico que têm as florestas, as rochas, a água, a biodiversidade.

Estamos perdendo biodiversidade mil vezes mais rápido do que perdíamos 50 anos atrás. A capacidade de suporte do planeta já está comprometida em 30%.

A Amazônia é um órgão vital para o bom funcionamento deste planeta. Por isso Chico Mendes merece esta homenagem dos Deputados, dos Senadores, dos amigos, das instituições, dos familiares, de todos aqueles homens e mulheres que querem pegar esse passado e fazer com ele uma outra história. Não a história dos que foram derrotados para tentar fazer alguma revanche contra aqueles que, naquela época, eram supostamente vitoriosos. Não. A história que parte do diálogo, de uma visão completamente nova de que nós devemos liderar pelo exemplo, de que nós devemos buscar lideranças multicêntricas para processos multicêntricos, de que nós não devemos achar

que vamos fazer as coisas para as pessoas, mas com as pessoas, de que nós não devemos, em hipótese alguma, curvar-nos àqueles que acham que tudo se resume ao pragmatismo.

Cada um de nós, sem utopia, sem sonhos, não é nada. O que nos moveu até aqui, o que fez tudo isso foi termos sido capazes de ter sonhos, ideais, utopias.

Não estamos reunidos aqui para fazer uma sessão solene, mas porque estamos irmanados em ideais de um projeto de país que seja capaz de honrar a condição de ser a maior potência ambiental do planeta; de ter 22% das espécies vivas, 11% da água doce e mais de 200 povos falando 180 línguas. Essa é uma riqueza imensurável. É para isso que nós estamos aqui.

Disse que a luta de Chico Mendes atravessou vários Governos. Foi criado o CNPT ainda durante o período do Presidente Fernando Henrique Cardoso. O Governo do Presidente Lula criou o Instituto Chico Mendes, o Serviço Florestal Brasileiro e dobrou as reservas extrativistas.

Se fizermos um apanhado, veremos que todos os governos deram contribuição, mas a nossa contribuição é maior porque temos um vínculo de vida com Chico Mendes. Lula foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional juntamente com Chico Mendes.

Espero sinceramente que o Plano de Desenvolvimento Sustentável das Populações Tradicionais, que está praticamente pronto, seja lançado o quanto antes. Sei que o Ministro Carlos Minc se esforça para que isso aconteça o quanto antes, porque assim daremos o tratamento correto a essas populações, oferecendo as terras tradicionalmente ocupadas, mas saúde, educação, desenvolvimento, inclusão produtiva, a mesma coisa para os nossos parceiros e irmãos índios.

A exemplo da Deputada Perpétua Almeida, eu havia feito um apanhado de conquistas que aconteceram ao longo da história. Mas estamos aqui não para fazer um apanhado de feitos, mas para fazer um apanhado de jeitos, de formas, de como devemos continuar caminhando. Sei que esta caminhada ainda tem muito pela frente. Nesta jornada, quero dizer que esta sessão tem um significado muito especial, o de dar concretude às palavras de um pensador cristão chamado Chesterton. Ele diz que “*o desespero não está em cansar-se do sofrimento, mas em cansar-se da alegria*”.

Podemos nos cansar de sofrer. As pessoas que estão sendo massacradas em suas esperanças, em Santa Catarina, podem cansar-se de sofrer, mas temos de ajudá-las a nunca se cansarem de ter esperança. Nunca.

Naquele momento, estávamos cansados de sofrer, mas não cansados de ter esperança. Se estivéssemos cansado de ter esperança, teríamos nos desesperado.

Mas somos uma geração de esperadores esperançosos. Esperamos, sobretudo, ser capazes de agora, no presente, dar base de sustentação para que os nossos jovens e as nossas crianças continuem sonhando. Que não sejam transformados em pragmáticos que pensam apenas no aqui e no agora. Chegamos até aqui porque conseguimos, com nossos sonhos e utopias, atravessar a história.

Para concluir, dedico uma quadrinha que fiz em homenagem à memória do Chico Mendes:

“Sei não ser firme a voz que clama em meio ao deserto,
Mas me disponho a estar perto para expandir o seu eco;
Sei nem sempre ter a força de amar meus inimigos,
Mas me disponho não vingar-me, não impingir-lhes castigo;
Sei nem sempre ter coragem de morrer por meus amigos,
Mas me disponho guardá-los no mais recôndito abrigo;
Sei nem sempre ser aceito o fruto de minha ação,
Mas me disponho a expô-lo ao crivo doutra razão;
Voz, coragem, força e aceitação
São fontes do mesmo espírito,
Origem do mesmo verbo,
Lugar onde me inspiro
E a semelhança carrego,
Na aceitação do meu próximo,
No logos que em mim carrego.”

Que o *logos* de Chico Mendes permaneça em cada um de nós para que a vida prevaleça. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Tião Viana. PT-AC) – A Presidência tem a satisfação de registrar grata presença do Deputado Federal Chico Alencar; da Srª Dulcinéia Araújo; do Sr. Cristóvão Messias e da Srª Naluh Gouveia, Conselheiros do Tribunal de Contas do Estado do Acre; do Sr. Sérgio Amoroso; e do Sr. Abrahim Farah.

O SR. PRESIDENTE (Tião Viana. PT-AC) – Concedo a palavra ao Senador Renato Casagrande, Líder do PSB.

O SR. RENATO CASAGRANDE (PSB-ES. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Senador Tião Viana; Srs. Ministros Tarso Genro, Carlos Minc e Paulo Vannuchi; familiares de Chico Mendes; representantes da Aliança dos Povos da Floresta; Deputados Osmar Serraglio e Perpétua Almeida, em nome dos quais cumprimento todos os Deputados e Deputadas presentes a esta solenidade; Senadores presentes, na

pessoa da Senadora Marina Silva; Sr. Jorge Viana, ex-Governador; Prefeito de Rio Branco; Srª Lucélia Santos, que sempre está nas lutas em defesa da sociedade; lideranças do Acre e do Brasil aqui presentes; Senador Sibá Machado.

Os senhores estão vendo que me deram a tarefa mais fácil: falar depois da Senadora Marina Silva. Pedi para falar antes, mas não foi possível.

Marina Silva, como sempre, mas especialmente neste caso e neste episódio, falou com o coração. Nas causas que abraça, Marina Silva consegue demonstrar muita paixão, muito amor, e envolve muitas pessoas. Suas palavras já seriam suficientes para homenagearmos Chico Mendes nesta data em que lembramos, renovamos, reenergizamos a nossa capacidade de lutar em defesa do meio ambiente, do desenvolvimento sustentável, seguindo, naturalmente, não apenas os ensinamentos, mas também o exemplo de Chico Mendes.

Não costumo falar deste lado, falo do lado de lá. Essa foto de Chico Mendes (*mostra foto.*) é de uma expressividade muito grande, pois exibe uma alegria serena. Eu não conheci Chico Mendes. Quando Chico Mendes foi assassinado, eu ainda não tinha militância de mandato, mas partidária, no interior do Estado do Espírito Santo. Logo, não tive oportunidade de conviver com ele. Essa foto (*mostra foto.*) traduz muito da sua luta. Nela, há um certo sarcasmo com os seus adversários, porque parece dizer: “*Olha, vocês me eliminaram, pensaram que fossem destruir a minha luta, mas o que fizeram comigo acabou multiplicando por muito a vontade de luta de muita gente neste País e no mundo*”.

Falo daqui, porque quero que essa expressão alegre, serena, equilibrada e tranqüila de Chico Mendes possa expressar sentimentos que motivem todas as pessoas a dar seqüência a essa luta. Sua inteligência é fundamental. Marina Silva destacou alguns pontos.

Sr. Presidente, Srªs. e Srs. Parlamentares, Chico Mendes completaria 64 anos no próximo dia 15 de dezembro. No entanto, o próximo dia 22 de dezembro marcará os 20 anos do seu assassinato.

A morte de Chico Mendes foi uma perda lamentável para todos aqueles, amigos, correligionários e ativistas que acompanharam a sua trajetória de vida e aprenderam a admirá-lo.

Uma morte lastimável pelo que ele representava na luta pela preservação da Floresta Amazônica e porque a questão climática é, na agenda mundial, o tema mais significativo e, ao mesmo tempo, complexo, por mexer com interesses geopolíticos e econômicos.

Indubitavelmente, se Chico Mendes estivesse entre nós nos estaria orientando com a sua experiênc-

cia, liderança, sensibilidade e conhecimento das questões amazônicas e de sua gente. Poucos conheceram e trataram com tanta responsabilidade os problemas ambientais que envolvem a Floresta Amazônica.

Seringueiro de ofício, Chico Mendes foi político, ambientalista, dirigente sindical. Ele conciliou todas essas atividades, conquistando respeito internacional dos meios científicos e acadêmicos. Infelizmente, a grande maioria do povo brasileiro só passou a conhecê-lo, e a sua luta, depois de sua morte. Precisou a mobilização mundial lamentar a morte de Chico Mendes, para que a sociedade brasileira tomasse conhecimento de sua trajetória.

Chico Mendes morreu por sua determinação. Morreu por que mexeu com interesses econômicos e políticos e contrariou gente que estava encastelada na floresta, mas que se sentia descompromissada com desenvolvimento sustentado ou com a subsistência do povo, dos trabalhadores, dos índios da Amazônia.

Em 1975 é fundado o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasiléia. Chico Mendes assume como secretário-geral da instituição. No ano seguinte, ele organiza os seringueiros para lutarem em defesa da posse de terra. Em 1977, participa da fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, no Acre, sua cidade natal.

Naquele ano elege-se Vereador pelo Movimento Democrático Brasileiro – MDB, engrossando a resistência ao regime de exceção. Em 1978, Chico Mendes passa a receber ameaças de fazendeiros locais, inconformados com sua atuação, na organização dos seringueiros da região. Em 1980, ele ajuda a fundar o Partido dos Trabalhadores e se torna dirigente no Acre.

Enquadrado na Lei de Segurança Nacional, por iniciativa de fazendeiros, que o acusavam de assassinato, é absolvido por falta de provas. Em 1981, Mendes elege-se presidente do Sindicato de Xapuri. No ano seguinte, perde a eleição para Deputado Estadual. Em 1985, ele organiza o 1º Encontro Nacional de Seringueiros e ajuda a fundar o Conselho Nacional dos Seringueiros – CNS.

Chico Mendes participou da proposta de União dos Povos da Floresta, que previa a união dos interesses dos seringueiros e indígenas na defesa da Floresta Amazônica.

Em 1987 ele denuncia, para uma comissão da ONU que visitou o Acre, a devastação causada na Floresta Amazônica por empresas financiadas pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento. As denúncias chegam ao Senado Americano e, diante da repercussão negativa, o BID deixa de financiar tais empresas.

Ainda em 1987, Chico Mendes recebe vários prêmios na área de ecologia e meio ambiente em função

de sua luta em defesa da Floresta Amazônica e de seus povos nativos.

O mais importante, o Global 500, é entregue pela ONU. No ano seguinte, ele participa da criação das primeiras reservas extrativistas no Acre. É eleito suplente da Direção Nacional da Central Única dos Trabalhadores – CUT durante o 3º Congresso Nacional da CUT. Em 22 de dezembro daquele ano, Chico Mendes é assassinado na porta de sua casa, deixando a esposa D. Ilzamar Mendes, e 2 filhos pequenos: Sandino e Elenira.

Infelizmente Chico Mendes teve o destino de um mártir. Estivesse entre nós teria certamente papel de destaque na luta pela preservação da Amazônia Legal e de outras questões no Brasil e no exterior.

Quis o destino e a mão assassina de facínoras que Chico Mendes deixasse essa luta, que era justamente pela vida do planeta terra. A história há de lhe fazer sempre justiça e referência, porque a batalha contra o aquecimento global está só começando.

Aqueles que um dia lhe ceifaram a existência física criaram uma lenda. Por tudo isso, Chico nos inspira a continuar na defesa incessante e intransigente, seja no Parlamento, seja nos fóruns nacionais e internacionais na defesa do meio ambiente.

Sr. Presidente, Sr's. e Srs. Deputados, recentemente, às vésperas das eleições, tive oportunidade de visitar a casa onde houve o assassinato de Chico Mendes, em Xapuri. Fui também a Rio Branco, para conversar com as pessoas.

Podemos imaginar como, há 30 anos, um cidadão da floresta teve a sagacidade de chamar a atenção do mundo para uma luta que não tinha eco em nosso País.

Acho que a primeira manifestação de inteligência de Chico Mendes foi buscar aliados de fora do Brasil para uma luta que poucos brasileiros davam importância.

Deputado José Genoíno.

O SR. PRESIDENTE (Tião Viana. PT-AC) – Entendendo a relevância do aparte, excepcionalmente, a Presidência o concederá ao Deputado José Genoíno.

O SR. RENATO CASAGRANDE (PSB-ES) – A Presidência quis dizer que, mesmo na ilegalidade, concederá aparte a V.Ex^a.

O Sr. José Genoíno (PT-SP) – E acho que é importante citar a expressão “na ilegalidade”, porque foi na ilegalidade que convivi com o seringueiro Chico Mendes, quando ele não era famoso, nem conhecido. Foi na clandestinidade do ex-PRC que visitei Xapuri, Brasiléia e andava com Chico Mendes nas florestas. Eu estava me preparando para um aparte ao pronunciamento da companheira Marina Silva, mas não

tinha certeza se podia fazer ou não apartes em sessões solenes no Senado Federal. Na dúvida, pedi ao meu amigo Pedro Ivo que consultasse se eu poderia fazê-lo, porque eu não podia deixar de falar para Raimundo, Elenira, Ângela e Ilzamar, com quem convivi numa época em que andávamos em Xapuri de ônibus – e eu não era Deputado na época –, seguidos pela Polícia. Quando Chico Mendes ia para as reuniões clandestinas em São Paulo, ele não era tão conhecido. Lembrem, companheiros e companheiras, que no III Congresso da CUT, em Belo Horizonte, para que a Resolução dos 7 Povos da Floresta fosse incluída na tese, foi difícil, exatamente em razão do que o Senador está dizendo: um seringueiro não iria defender a tese guia. E aquela tese foi incluída, com muito esforço. Naquela época eu tinha uma marca muito forte no PT, e até dizia: “*Chico, não é bom eu aparecer, mas vai com jeito, porque você falará na parte em que se apresentam moções.*” E ele falou exatamente naquele período destinado às moções. Assim a Resolução dos Povos da Florestas se incorporou ao III Congresso da CUT. Quero dizer isso, porque a imagem do Chico Mendes e sua memória me perseguem numa cisão entre passado, presente e futuro. E me perseguem, profundamente, porque conheci o homem, a figura; não conheci a personalidade, e nem eu era a personalidade. Eu me lembro quando andei na selva com ele e, quando via aqueles caminhos e aqueles seringais, lembrava-me da minha fase na selva. E eu dizia: “*Chico, como é que isso pode acontecer, esse acaso me trazer aqui?*” E a gente estava discutindo, em uma organização de esquerda clandestina com outros companheiros, aquilo que era a raiz do Chico Mendes. Um dia eu falava para o Nilson: “*É Nilson, você estava pela vertente da igreja, e eu por uma outra vertente. E essas vertentes se juntaram.*” A grande sabedoria do Chico Mendes é que a vida dele era uma síntese valorativa de compreensão, de tolerância. A gente, por exemplo, ia para os congressos do PT disputar. Eu gostava das disputas calorosas. E o Chico ficava na dele e dizia: “*Não, a gente dá um jeito, isso vai se acertar.*” É essa universalidade da personalidade do Chico Mendes que fez isso: um seringueiro ser uma personalidade mundial, e também a sua causa. E ele começou defendendo o meio ambiente. Eu, certa, vez perguntei: “*Chico, e a questão do meio ambiente?*” Ele disse – e a Senadora Marina sabe disso, porque a gente conversava muito: “*A seringueira é importante porque tem que tirar o látex, e o látex é importante para podermos garantir os direitos sociais dos trabalhadores.*” Eu dizia que usava a seringueira de outra maneira, ou seja, eu a usava para fazer fogo camuflado. Ele dizia: “*Pois aqui estou usando o látex para garantir a sobrevivência*

daqueles trabalhadores”. E ele fazia aquilo com amor, com alegria. Chico era um homem alegre, feliz, porque tinha causa. Então, quero dizer, Senador Renato Casagrande, que Chico Mendes para mim é uma referência, principalmente de vida. E como me marcou! E isso numa época em que eu não era personalidade e nem ele. A Ilzamar sabe disso, inclusive da comida que a gente comia lá, um pouco escondido. Quanto ao nome da Elenira, eu disse ao Chico que iria fazer um relato da minha experiência, e levei a ele um livro sobre a minha experiência, que tinha uma imagem muito forte: o livro tratava da biografia da Elenira Resende de Nazaré, que mostrei para o Chico Mendes. Ele olhou a fotografia, leu a história e disse que a filha dele iria se chamar Elenira, a Elenira que está aqui. Tudo isso eu vivi com o Chico Mendes. Ele não era personalidade, nem eu era personalidade, portanto, guardo no coração e na minha memória uma figura muito forte desse grande Chico Mendes. Muito obrigado, Senador Renato Casagrande. (Palmas.)

O SR. RENATO CASAGRANDE (PSB-ES) – Parabéns, Deputado! Obrigado por ter enriquecido o meu pronunciamento. Os depoimentos de quem conviveu com o Chico Mendes são muito mais expressivos, naturalmente, muito mais importantes. O depoimento do Genoíno, da Marina, enfim, das pessoas que estão aqui, que conviveram com Chico e que ainda terão a oportunidade de falar – a Perpétua já falou – são realmente expressivos. As pessoas que com ele conviveram tiveram a oportunidade de um grande aprendizado. Mesmo não sendo personalidades, como disse a Marina, escreveram a história e estão sendo reconhecidos pela sua história. Isso é muito importante.

Retomando minha fala, a marca da inteligência do Chico foi, há quase 30 anos, foi buscar essa relação internacional. Essa foi uma marca importante de quem sempre viveu no meio da floresta, e isso foi um exemplo da necessidade dessa articulação que temos hoje e que precisamos ampliar cada vez mais.

A outra marca da inteligência, só para reforçar o que a Senadora Marina Silva disse, foi a compreensão de que a floresta precisa ter um valor, se preservada. A floresta tem que sustentar as pessoas que estão ali. E a defesa de que a seringueira tinha um valor e de que a floresta tinha um valor, porque protegia a seringueira, era um verdadeiro norte, e até hoje é uma orientação que nos guia nas mais modernas políticas que hoje debatemos com o Ministério do Meio Ambiente e em nos fóruns globais. Chico Mendes também defendia a idéia de que há necessidade de se preservar a floresta, os rios, a biodiversidade, mas também dizia que a necessidade primeira era de, junto com tudo isso, pre-

servarmos o ser humano, as pessoas. Não há como fazer uma separação entre essas 2 coisas.

Esse são os sinais claros de que o Chico foi, e é, uma pessoa especial. E a sua luta do passado, naturalmente, pela sua presença, pela sua marca, por aquilo que ele conquistou nos motiva a continuar, neste momento, no mesmo caminho dele, com desafios cada vez maiores, porque a humanidade, apesar de termos mártires como Chico Mendes, ainda não compreendeu e entendeu que temos que, de fato, mudar radicalmente, nosso modelo de desenvolvimento.

Esse modelo já provocou a crise social, com muita gente passando fome; já provocou a crise econômica que vivemos; já provocou a crise ambiental manifestada pelo debate especialmente das mudanças climáticas.

Portanto, esse modelo está fracassado, ainda que a humanidade continue a persegui-lo, porque acumula e concentra renda – e isso beneficia alguns que têm o comando de muitos dos países. Temos de continuar lutando, trabalhando.

E adicionaria à frase “*Chico vive!*” o seguinte: “*Chico vive e Chico sempre viverá!*”

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Tião Viana. PT-AC) – A Presidência concede a palavra ao Ministro de Estado da Justiça, Tarso Genro.

Cada Ministro fará uma saudação de 5 minutos. Logo após retomaremos a lista de oradores.

A Presidência registra a presença do Deputados Edmar Moreira e Fernando Gabeira, que retornam carinhosamente ao nosso ambiente.

O SR. MINISTRO TARSO GENRO – Sr. Presidente, permita-me quebrar o protocolo e poupar os vocativos saudando V.Ex^a e toda a Mesa, os familiares do nosso querido Chico Mendes, os Parlamentares presentes, mencionando a figura da minha querida Senadora Marina Silva, que me convidou especialmente para esta sessão. Quero saudar os meus colegas Ministros que honram com sua presença este evento.

Sr. Presidente, serei breve e, quem sabe, um pouco conceitual. A nossa geração está fundida, independentemente da nossa idade, em torno de 2 grandes acontecimentos históricos nos últimos 20 anos: o primeiro foi a queda do Muro de Berlim, ardentemente festejada; o segundo grande acontecimento foi a queda de um outro muro, qual seja a quebra do subprime, encerrando um período histórico extraordinariamente impotente e cruel com a população deste planeta. Refiro-me à quebra recente do sistema financeiro mundial, que estranhamente não foi ardentemente festejado, mas conceituado por meio de desculpas, como se esse fato fosse apenas uma malandração de mal gosto de meia dúzia de banqueiros. Mas esses 2

grandes acontecimentos estão ligados positiva e negativamente. Negativamente porque o primeiro desfez a idéia de utopia transformadora, a utopia equivocada de uma visão uniclassista e autoritária de sociedade. E, o segundo, negativamente, porque quebrada a utopia, impotente fica a sociedade para reagir de maneira profunda contra esse segundo Muro de Berlim quebrado. Prepara-se o sistema financeiro mundial para tentar cobrar dos povos do planeta o resgate dessa conta escandalosa.

Graças a sucessivas gerações de políticos e partidos democráticos deste País, estamos prontos para resistir a esse assédio. Isso nos lembra uma das questões fundamentais para a resistência e para a recomposição do futuro, já que futuro e passado convergem para o tempo presente, sempre concentrado na singularidade de cada vida humana, de cada ser humano. E aí está Chico Mendes, a síntese de uma utopia em desaparecimento, que este momento resgata como homenagem.

No dia 10, no Acre, o Estado brasileiro pedirá perdão a Chico Mendes, através de decisão da Comissão de Anistia, anunciando ao mundo que o Estado brasileiro reconhece na sua figura, na singularidade da sua vida uma potência de universalidade regeneradora do nosso futuro. (Palmas.)

É isso que Chico Mendes representa e que o vincula a uma grande decisão que será tomada brevemente pelo Supremo Tribunal Federal. É uma grande decisão em 2 grandes momentos.

Primeiro, qual o comportamento do Estado brasileiro e do nosso mais alto Tribunal a respeito da questão da tortura?

Segundo, qual a visão do Supremo Tribunal Federal, no qual todos nós confiamos a respeito da questão da continuidade ou da descontinuidade da Reserva Raposa Serra do Sol? (Palmas.) Ambos têm a ver com o desenho da nossa democracia e, portanto, têm a ver com o desenho da regeneração da nossa utopia democrática; e, mais do que isso, têm a ver com a composição da nossa democracia, com a questão dos direitos humanos, e com a composição efetiva do nosso território etnicamente plural, culturalmente diverso, respeitoso, dos nossos povos originários. Ou o nosso território é um imenso pasto disponível para a reprodução e o poder das commodities?

É isso que se discute nesse cruzamento histórico em que a nossa geração se funde. A nossa geração pluripartidária, democrática, humanista, com diferentes trajetórias, mas que têm na convergência da figura de Chico Mendes um símbolo de reconstituição de uma utopia libertária e democrática, para dar sedimento ao nosso futuro.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Tião Viana. PT-AC) – Cumprimentamos o Sr. Ministro de Estado da Justiça, Tarso Genro.

O SR. PRESIDENTE (Tião Viana. PT-AC) – A Presidência concede a palavra ao Sr. Ministro de Estado de Meio Ambiente, Carlos Minc.

Antes, a Presidência convida para compor a mesa o Dr. Paulo Abrão, Presidente da Comissão de Anistia do Ministério da Justiça. (Palmas.)

O SR. MINISTRO CARLOS MINC BAUMFELD

– Sr. Presidente, Senador Tião Viana, em nome de quem cumprimento todos os meus companheiros e minhas companheiras de Mesa; Senadora Marina Silva; Sr. Jorge Viana; Senador Eduardo Suplicy; Srª Lucélia Santos; demais presentes; companheiros e companheiras que estão aqui vivendo esse momento tão importante.

Tive a oportunidade e a felicidade de conhecer Chico Mendes no Rio de Janeiro e de participar do grupo de personalidades, como a Senadora Marina Silva mencionou, que lhe dava suporte, junto com Zuenir Ventura, Fernando Gabeira, Alfredo Sirkis. Tínhamos naquela voz – Chico Mendes – e naquele movimento uma visão holística, uma visão planetária, uma visão do Brasil, do planeta e da humanidade, através da luta cotidiana na Amazônia e no Acre. Chico Mendes finalmente foi reconhecido, primeiro lá fora e depois aqui dentro. Infelizmente foi mais reconhecido após o seu assassinato.

Chico Mendes era uma daquelas raras pessoas que conseguia colocar dentro da sua alma, do seu coração, a voz da floresta, a voz do planeta, uma voz civilizatória. E conseguiu, com o seu jeito manso, com a sua forma de falar simples, carinhosa e amiga, juntar coisas que aparentemente eram difíceis de juntar. Primeiro, conseguiu juntar os próprios seringueiros, uni-los – está aqui hoje o Conselho Nacional dos Seringueiros. Depois dos seringueiros, conseguiu costurar a aliança com os índios – está aqui o Sr. Ailton Krenak, fundador da Aliança dos Povos da Floresta – e depois, a aliança do pessoal do campo e com o da cidade. E, pouco a pouco, foi construindo, com aquele seu jeito de ver o mundo, de falar com a natureza, a fusão mais importante das grandes lutas sociais com as grandes lutas ambientais em defesa de todas as formas de vida e de cultura. Ele conseguiu representar tudo isso. Por isso, 20 anos depois, estamos lembrando o legado de Chico Mendes e prometendo levá-lo adiante.

Eu estou numa situação difícil no Ministério do Meio Ambiente, dando continuidade ao trabalho da minha amiga e companheira Marina Silva. Nós nos conhecemos exatamente por meio de Chico Mendes

e, desde então, estamos no mesmo caminho. A meu ver, no Ministério, o maior desafio é levar adiante essas lutas. A nossa gestão é de continuidade. A Ministra Marina Silva realizou muito e deixou muita coisa encaminhada. Portanto, temos de levar adiante esse sonho, em nome daquelas pessoas que fundamentaram essas esperanças e desenharam esses projetos. Felizmente alguma coisa tem andado. Uma delas a própria Ministra Marina aprovou recentemente, uma emenda de 100 milhões de reais para apoio ao extrativismo aos povos da floresta. Isso é muito importante. Nós conseguimos – está aqui o nosso Secretário Egon Krachecke – garantir 33 milhões também para o orçamento da agenda social dos povos da floresta. Também, Senadora Marina, concluiremos nesses dias o Plano Nacional de Promoção dos Produtos da Sociobiodiversidade.

Isso tudo vai ser lançado em conjunto, e é uma forma de valorizar a memória de Chico Mendes, levando adiante os seus sonhos e mostrando que aqueles que imaginaram que iriam ceifar os seus sonhos com uma bala, podem ver que esse sonho cresceu. A Ministra Marina Silva conseguiu, no Ministério do Meio Ambiente, implantar milhões de hectares de reservas extrativistas, e nós, dando seqüência a tudo o que foi encaminhado e que ficou alinhavado, conseguimos dar seqüência a algumas ações importantes. O Presidente Lula, por exemplo, assinou decretos que garantem o preço mínimo para 10 produtos do extrativismo. Isso é muito importante e é uma reivindicação antiga que dá sustentação a esse tipo de produção. Foi uma medida muito importante para que os trabalhadores possam sustentar com dignidade suas famílias, mantendo a floresta em pé. O preço de cada um desses produtos teve que ser aprovado, um a um, no Conselho Monetário Nacional, o que vai garantir também mais sustentabilidade à floresta.

Outra questão importante, que já estava encaminhada – e nós tivemos oportunidade de assinar junto com o Ministro Cassel, do MDA —, foi garantir para os trabalhadores do extrativismo os mesmos direitos dos beneficiários da reforma agrária. Uma das antigas reivindicações do Conselho Nacional dos Seringueiros, de todos esses batalhadores, Senador Suplicy, é garantir crédito para habitação, apoio tecnológico. E todos os direitos que os assentados têm assegurados por lei, os seringueiros, castanheiros e juteiros também têm.

Outra coisa importante foi o avanço dos planos de manejo, reivindicação que nos foi trazida por 50 lideranças dos trabalhadores extrativistas.

Por intermédio do Presidente do Instituto Chico Mendes – aliás, é muito importante que esse instituto leve esse nome —, Rômulo Mello, conseguimos

avançar com vários planos de manejo que estavam em andamento. Um deles é o da reserva extrativista Chico Mendes. E há outros 40, uns para serem feitos pelo próprio Instituto e outros, por edital, para serem realizados por universidades, fundações, órgãos sérios e cadastrados.

A Senadora Marina falou sobre várias coisas importantes, instrumentos que foram deixados aqui, um deles o Serviço Florestal Brasileiro – vejo aqui o nosso companheiro Tarso Azevedo.

Há dias o Presidente Lula concordou em transformar o Serviço Florestal em autarquia, dando-lhe mais força. Vamos avançar nisso nos próximos dias. Espero que o Presidente Lula assine até o dia 22 de dezembro a garantia do manejo comunitário e todos os instrumentos para incentivar as formas do manejo comunitário, incluindo os extrativistas.

Conseguimos algo importante: há 2 dias o Presidente Lula assinou o primeiro Plano Brasileiro de Mudanças Climáticas, que estava sendo elaborado há bastante tempo por vários Ministérios, várias equipes. Pela primeira vez, o Governo brasileiro mudou de posição e incluiu metas. E uma das principais metas é a redução do desmatamento.

Entendeu o Governo que a redução do desmatamento não se dá apenas – vejo o Senador Cristovam Buarque, nosso companheiro – com a repressão e o controle, mas sobretudo com alternativas: Fundo Amazônia, preços mínimos, manejo, apoio a formas alternativas de produção, de comercialização, de vida.

Esse avanços são lentos. São a continuidade de uma luta antiga, da luta de Chico Mendes. A cada dia que vemos um pequeno avanço, nós temos que nos lembrar de quem lançou essas sementes, quem deu a vida.

Dirijo-me aos familiares, à Ilzamar, que é a viúva de Chico Mendes, à Angela, que é a filha, e digo: que beleza conviver com uma pessoa dessas, uma pessoa boa, ampla, que cuidava de tudo, que falava com todos, falava com as árvores, com animais, unia as pessoas, deu a vida por esse ideal planetário tão bonito.

Vejo também, por outro lado, uma vez que temos tanta coisa a comemorar, Senadora Marina, que as mãos que apertaram aquele gatilho infelizmente existem aqui, Ministro Vannuchi. Por isso é tão importante a sua Pasta e tão importante o Ministro Tarso Genro estar à frente de lutas como a da demarcação contínua da reserva Raposa Serra do Sol e o avanço da guerra contra a impunidade.

Refiro-me ao exemplo que aconteceu há dias em Paragominas. Aqueles madeireiros que roubavam madeira das nações indígenas, quando foram surpreendidos e tiveram essa madeira apreendida pelo

IBAMA, simplesmente queimaram a sede do órgão, queimaram os carros, cercaram as pessoas, jogaram coquetel molotov.

Eu estive lá 3 dias depois. Fechamos as serrarias daquelas famílias que foram flagradas comprando galão de gasolina e pedindo às pessoas que a jogassem na sede do IBAMA e nos servidores públicos federais, que estavam cumprindo a lei. Eles foram vítima de uma agressão muito dura.

Fui até lá para enfrentar o problema, juntamente com os nossos companheiros, e pude perceber a dificuldade e a conivência das pessoas. Conseguimos lacrar aquelas serrarias, conseguimos apoio das Prefeituras – o Deputado Coutinho também nos apoiava, assim como a Governadora Ana Júlia.

Vimos, Senadora Marina, como aquela mão que apertou o gatilho ainda está presente.

Portanto, temos de reforçar as reservas extrativistas, com a grande Agenda Social dos Povos da Floresta, uma de suas grandes aspirações. Levaremos isso adiante junto a outros companheiros, mas também temos de estar junto aos Ministros Vanucchi, Tarso Genro e aos nossos companheiros da Câmara dos Deputados e do Senado Federal. Temos e estar atentos a essa questão, porque infelizmente a impunidade alimenta a continuidade do crime ambiental.

Então, encerro dizendo que é sempre uma emoção estar aqui, ainda mais com a responsabilidade do Ministério de dar seqüência ao trabalho da Ministra Marina, sempre junto a S.Ex^a e aos nossos companheiros do movimento social, os companheiros do Povos da Floresta, do Conselho de Seringueiros, os Parlamentares da Amazônia. Ao mesmo tempo, percebemos como é difícil essa luta.

E agora em que nós temos uma meta de redução poderosa desse desmatamento, tenho certeza de que o Congresso Nacional não nos faltará, com a aprovação do Fundo Clima, de recursos para a fiscalização, para o zoneamento econômico e ecológico, porque tudo isso significa, amigo Airton Krenak, dar seqüência a essa esperança.

A melhor resposta que temos para essas pessoas não é, como disse a Senadora Marina Silva, qualquer idéia de vingança. A grande resposta é fazer com aquela utopia, aquele sonho, torne-se realidade. E temos de fazer isso a cada dia e todos os dias, apoiando a transformação da Amazônia numa terra de cultura, de ciência, de cidadania, de “florestania”, como disse a Senadora, e numa terra em que as pessoas possam viver com dignidade, respeitando a floresta, os povos da floresta, e mostrando para o Brasil e para o mundo que ali se defende o futuro do Brasil, o futuro do planeta.

Viva Chico Mendes! Viva a solidariedade! Viva os povos da floresta! (Palmas.)

Durante o discurso do Ministro Carlos Minc, o Sr. Tião Viana, deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Deputado Osmar Serraglio, 1º Secretário.

O SR. PRESIDENTE (Osmar Serraglio. PMDB-PR) – A Presidência registra, com satisfação, a presença de S.Ex^a o Deputado João Paulo Cunha, ex-Presidente desta Casa.

O SR. PRESIDENTE (Osmar Serraglio. PMDB-PR) – Concedo a palavra ao Ministro Paulo Vannuchi, da Secretaria Especial de Direitos Humanos.

O SR. MINISTRO PAULO VANNUCHI – Minha saudação aos integrantes da Mesa, na pessoa do Presidente, Deputado Osmar Serraglio, aos Senadores, Deputados e Deputadas e, especialmente, à querida companheira Senadora Marina Silva, que nos convidou para esta solenidade e que mais uma vez apresentou seu invariável *show de consistência, de conteúdo e de beleza plástica* que sempre nos emociona.

Quero lembrar, em face da chamada indivisibilidade e interdependência dos direitos humanos, que hoje, dia 3, estamos a uma semana dos 60 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada no dia 10 de dezembro de 1948.

Cada deslocamento nos faz perceber a interligação da figura Chico Mendes, um lutador em defesa dos direitos humanos, com os temas dos dias de hoje e a discussão de sua herança com o que ainda nos interpela e exige uma posição de todos nós.

Eu me atrasei um pouco para esta sessão, porque tive duas atividades interligadas ao tema de hoje.

Realiza-se em Brasília a II Conferência Nacional das Pessoas com Deficiência. Aqui estão reunidas 1.400 pessoas do Brasil inteiro, representando 25 milhões de brasileiros. Num resumo muito cortante, Pequim mostrou que o Brasil paraolímpico é melhor que o Brasil olímpico, pois ganhou mais medalhas, teve melhor desempenho. (Palmas.) E 25 milhões de brasileiros ainda têm bloqueada sua possibilidade riquíssima de incorporação à construção da vida nacional.

Estamos trabalhando agora o tema empregabilidade. Queremos trazer o cadeirante, o deficiente visual, o deficiente auditivo, os portadores de Síndrome de Down, os hansenianos – uma das lutas de Chico Mendes – para a atividade profissional. Num primeiro momento, as pessoas os procurarão com certa dó, com certa piedade, mas um ano depois, estou certo, haverá a inversão desse posicionamento: os não deficientes é que se socorrerão das pessoas com deficiência, para

aprenderem com elas a terem tanta garra, tanta capacidade de superação e enfrentamento da vida.

As crianças que aqui falaram lembraram-me o tema exploração sexual de crianças, responsável pela reunião nesta semana, no Rio de Janeiro, de cerca de 3.400 pessoas, no mais evento mundial a respeito do assunto. Imaginamos a participação de 130 países, mas havia 170.

A imprensa cuidou de divulgar um pouco esse evento. Podia ter escondido as ações do Governo, o que não causaria problema, mas que informasse que havia 3.400 pessoas, de 170 países, no Riocentro, discutindo uma agenda para enfrentar a exploração sexual de crianças no mundo inteiro.

O evento do começo da manhã era sobre programa de proteção. E por que um programa de proteção liga-se a Chico Mendes? Porque ele foi assassinado sob proteção.

O Ibrahim Farah, que está ali sentado e foi membro primeiro Diretório Nacional do PT – o Senador Eduardo Suplicy e a Senadora Marina Silva lembram-se disso; as vezes, nós nos reunímos em finais de semana, e o Estatuto partidário exigia a participação de dois membros de cada Estado no Diretório; do Acre, eram Ibrahim Farah e Chico Mendes – fez um discurso de que me lembro como se fosse hoje: *“Gente, eu sei que vocês já estão cansados de me ouvir repetindo o mesmo discurso, mas se não tomarmos alguma providência vão acabar matando o nosso Chico Mendes”*.

E, então, tomávamos a decisão de sempre. O advogado do partido iria procurar o Ministro da Justiça da época – era ditadura militar, não nos esqueçamos disso. Esse tema segue presente.

O fazendeiro acusado de ser o mandante do assassinato de Dorothy Stang está em Anapu disputando com o INCRA a posse de um projeto implantado pela Senadora Marina Silva dias antes da morte daquela missionária.

Comuniquei o fato ao Ministro Tarso Genro, que ontem me passou a informação de que a Polícia Federal suspendeu a proteção ao Desembargador Gercino da Silva Filho, linha de frente no desbaratamento da quadrilha de Hildebrando Pascoal. Há 3 meses foi morto um homem, testemunha-chave no processo, morto porque descumpriu as regras do programa de proteção – ausentou-se do Estado –, mas morto sobretudo porque fazendeiros contrataram pistoleiros para assassiná-lo. Vou solicitar ao Ministro Tarso Genro novamente que não permita isso.

Xapuri, perto de Brasiléia, no Acre, vive hoje o drama da chacina de Pando. Não somos apenas Brasil. Somos Brasil e América do Sul. Somos Brasil e UNASUL. Somos Brasil e América de Bolívar, de Che, de

Salvador Allende. Somos o Brasil e a democracia que vem sendo ameaçada na Bolívia.

A pronta intervenção da Presidenta Michelle Bachelet, que convocou os Presidentes sul-americanos, recorrendo a cláusulas dos Tratados do Rio de Janeiro e de Assunção, interrompeu um cerco institucional antidemocrático. Foi, então, criada uma comissão, de que o Brasil é integrante, representado pelo Dr. Firmino Fecchio, Ouvidor Nacional da Secretaria Especial dos Direitos Humanos, a qual hoje entrega ao Presidente Evo Morales seu relatório, depois de tê-lo feito à Presidenta Michelle Bachelet, no Palácio La Moneda.

Nos desdobramentos dos dois lados da fronteira, vimos como ainda há presente, vivo, resistente, renitente, esse Brasil violento, esse Brasil inimigo dos direitos humanos e desrespeitador da lei.

A luta de Chico Mendes foi também uma luta pela terra. De alguma maneira, Senadora Marina Silva, ainda hoje a sua e nossa luta é a pelo empate, empate agora qualificado, empate com regras de um Governo Federal compromissado com o respeito à lei, à democracia, aos direitos humanos e à proteção ambiental.

Termino na trilha do que lembrou o companheiro José Genoíno: Elenira, uma das filhas de Chico Mendes. Esta é uma homenagem a Elenira Resende de Souza Nazaré, que tive a honra de conhecer. Nas glóriosas mobilizações de 1968, ela era liderança muito respeitada na USP, em São Paulo.

Afrodescendente, linda mulher, morreu no Araguaia, e é uma das 140 brasileiros e brasileiras cujos restos mortais o Estado brasileiro, após 20 anos, não conseguiu assegurar – nem demonstrou empenho convincente para tanto – aos seus familiares o direito milenar, sagrado e antropológico de enterrá-los dignamente.

Na introdução do livro *Direito à Memória e à Verdade*, dissemos que os povos mais sangüinários da história da humanidade interrompiam suas guerras para, em curtas tréguas, promover a troca de cadáveres, a fim de que cada exército fizesse esse ritual que simboliza o encerramento do ciclo da vida. Mas a democracia brasileira não consegue realizar isso, ou pelo menos demonstrar seu empenho cabal de que acionou todos os recursos republicanos para pesquisar, investigar e localizar os corpos desses brasileiros. No Governo Federal, há de novo discordância sobre assunto. É o que mostra imprensa.

Pergunto se nas duas Casas do Congresso Nacional – não sei se o companheiro José Genoíno ainda está aqui, depois da emocionante lembrança que fez de seu contato com Chico Mendes; a Senadora Marina escreveu há pouco tempo um artigo muito bonito na *Folha de S. Paulo* sobre isso – o debate que temos feito no

Executivo e no Judiciário já está à altura dessa demanda, também um clamor da memória de Chico Mendes.

Vamos entender a questão. Enquanto convivermos com a idéia de que o tema é incômodo, é desconfortável, é negativo e que o Brasil precisa de agenda positiva, não nos empenharemos em sua solução, solução que não é movida por qualquer sentimento de volta ao passado, de revanchismo, de vingança, uma vez que movidos pela paz somos todos, dispostos ao perdão estamos todos.

Secularmente, o Brasil tem um pensamento cristão muito assentado na idéia do perdão. Estamos todos movidos pelo sentimento de reconciliação, mas com a verdade, com a memória, com a assunção transparente das responsabilidades. Apontar nomes e datas (*palmas*) é uma forma de interromper a impunidade.

Termino lembrando que, se Chico Mendes teve uma filha chamada Elenira, ele também gostaria de olhar para nós agora e ficar feliz ao saber que estamos resolutamente empenhados em assegurar o sagrado direito à memória e à verdade.

Muito obrigado. (*Palmas*.)

O SR. PRESIDENTE (Osmar Serraglio. PMDB-PR) – Tem a palavra o Deputado Fernando Melo.

O SR. FERNANDO MELO (PT-AC. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, infelizmente, tendo me ausentar agora, para comparecer à sessão no Conselho de Ética e Decoro Parlamentar da Câmara dos Deputados, solicito que meu pronunciamento seja considerado lido.

O SR. PRESIDENTE (Osmar Serraglio. PMDB-PR) – V.Ex^a será atendido, na forma regimental.

PRONUNCIAMENTO ENCAMINHADO PELO ORADOR:

Sr. Presidente, Sr^{as}s. e Srs. Congressistas, familiares de Chico Mendes, Sr^{as}s. e Srs. Parlamentares do Estado do Acre, senhores convidados, povo brasileiro, falar a respeito da saga do ambientalista Chico Mendes é repetir tudo o que já se disse ao longo dessas duas décadas. E da mesma forma como que falamos do revolucionário libertador Plácido de Castro; do líder sindical Wilson Pinheiro, que tombou em Brasiléia em defesa dos trabalhadores rurais acreanos; e de outros heróis anônimos das terras e da Floresta Amazônica.

Chico vive e está na história brasileira. É um herói nacional. Seu nome está entre os que fazem parte do livro do Panteão dos Heróis, situado aqui bem próximo desta Casa, na Praça dos 3 Poderes.

Cumprimento o Congresso Nacional por ter promovido o reencontro das pessoas que ombrearam com o bravo líder seringueiro.

Algumas delas estão aqui, emocionadas, saudosas de Chico Mendes, mas convictas de que seu espírito e sua luta continuam a zelar pelo Acre e pela Amazônia.

Gracas ao roteiro escrito pela jornalista acreana Maria Maia, a partir do próximo dia 18 os brasileiros poderão assistir a depoimentos de antigos companheiros de lutas de Chico Mendes.

Também poderão ver como foi um pedaço da infância e da adolescência do mais emblemático personagem da história recente do Acre.

Parabenizo a *TV Senado* por esse grande feito, à altura das expectativas do povo do Acre e que certamente fará parte dos anais da história da Amazônia.

O poeta, dramaturgo, filósofo e historiador alemão Friedrich Schiller disse: *“A história do mundo é o julgamento do mundo”*.

Concluo, lembrando o dramaturgo e poeta espanhol Miguel de Cervantes: *“A história é êmula do tempo, repositório dos fatos, testemunha do passado, exemplo do presente, advertência do futuro”*.

Sáudo o Comitê Chico Mendes, entidade criada na noite do assassinato de Chico, por seu relevante papel no resgate daquilo que ele levou de bom para Amazônia.

Sáudo o Comitê e o Governo do meu Estado por perpetuarem a história de Chico nas ruas, nas escolas, nas bibliotecas, nos sindicatos e nas instituições.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Osmar Serraglio. PMDB-PR) – Concedo a palavra ao Senador Cristovam Buarque, que falará pela Liderança do PDT no Senado Federal.

O SR. CRISTOVAM BUARQUE (PDT-DF. Sem revisão do orador.) – Cumprimento o Presidente da Mesa, o Deputado Osmar Serraglio, os Ministros presentes que honram o Congresso Nacional, os demais membros da Mesa e cada um que aqui está lembrando os 20 anos da morte de Chico Mendes, mas muito especialmente a Senadora Marina Silva, a quem peço desculpas por não ter comparecido na hora do seu discurso. Naquele momento, eu presidia reunião da Comissão de Educação em que os para-atletas brasileiros eram homenageados.

Toca-me muito falar de Chico Mendes, com quem não convivi muito. Tive, sim, um encontro marcante para mim e, creio, para ele, não por mim, mas pelo local e pelo momento em que ocorreu.

Em primeiro lugar, nada indica mais a força de um líder do que receber o respeito, reconhecimento e dizermos, anos depois de sua morte, que ele tinha razão Chico era um desses líderes em que o tempo é a favor de suas bandeiras de luta. Cada ano que passa, mais percebemos que ele se antecipou ao futuro em

defesa o que deveria ter sido defendido no processo histórico ao longo do tempo. Por isso, reconhecemos nele a condição de estar antes do seu tempo.

Em segundo, é claro que há um toque especial em alguém que sofre o martírio; é claro que a lenda que fica é a do líder morto precocemente. E Chico foi assassinado no auge de sua lenda.

Agora, o mais importante são as reflexões que precisamos fazer em face da luta e da morte de Chico Mendes.

Aqui está escrito, e é verdade: *“Chico vive”*. Será que daqui a 50 anos vamos poder escrever *“A Amazônia vive”*?

Não tenho dúvida de que Chico vai viver cada vez mais, na medida em que a História dá razão à sua luta e às suas idéias.

Mas, e a Amazônia? Vamos poder colocar uma grande floresta no lugar do rosto de Chico Mendes, que agora estampa este cartaz, e escrever em baixo *“A Amazônia vive”*? Talvez não, depende de nós. E depende de lembrar aquilo por que o Chico lutou: duas coisas sobre a Amazônia e mais uma que irei comentar em seguida.

Primeiro, e não na ordem de importância, vem a soberania, e segundo, o respeito à Amazônia. Não podemos, nem de longe, imaginar a Amazônia sem sua vinculação à soberania brasileira. Segundo, não podemos correr o risco de amanhã ter soberania sobre um deserto.

Por isso, é preciso que todos os brasileiros, na linha do que há 20 anos Chico defendia, tomemos ações concretas – e acho até que o atual Governo deve estar tomando – para que a Amazônia seja nossa, mas seja obviamente verde convivendo com o processo produtivo. E eu não digo “verde” congelada no tempo, mas verde, repto, convivendo com um processo produtivo capaz de respeitar o meio ambiente.

Eis aí a segunda parte: Chico defendeu, sim, a diversidade. Defendeu a adoção de um processo econômico capaz de conviver com a realidade amazônica e não um processo econômico depredador, como estamos acostumados a ver, como se fosse a única alternativa para o projeto civilizatório. Chico defendeu a manutenção das técnicas tradicionais, capazes de fazer com que a floresta seja preservada e que as pessoas que ali habitam possam viver e melhorar sua qualidade de vida. Esse é o desafio que temos. Esse é o desafio que a lembrança do Chico nos deve propiciar.

Senadora Marina Silva, quero propor que V.Exª lidere duas iniciativas. A primeira é difundir a idéia da adoção da Amazônia pelos brasileiros.

A ex-Senadora Heloísa Helena, nossa amiga, costumava dizer que os problemas brasileiros, do pon-

to de vista social, seriam resolvidos se adotássemos uma única geração de brasileiros, do nascimento à vida adulta. Se assim procedêssemos, essa geração adotada resolveria todos os outros problemas, menos os do meio ambiente.

Adotar a Amazônia seria um meio de dizer: “*Nós vamos, sim, ter a Amazônia. Será nossa, porque o que adotamos é nosso. Nós vamos, sim, tratá-la com carinho, porque o que adotamos tratamos com carinho*”.

Façamos, portanto, uma campanha pela adoção da Amazônia pelo povo brasileiro.

A segunda, aproveitando a experiência do Senador Paulo Paim – S.Ex^a já realizou 3 vigílias em defesa dos direitos dos trabalhadores aposentados; hoje, por exemplo, saímos daqui de madrugada – é fazer uma vigília no Senado Federal para refletir sobre o futuro da Amazônia. Com a televisão transmitindo nossos discursos, vamos passar uma noite inteira aqui pensando: “*E quanto à Amazônia, o que fazer? Como usá-la? Como mantê-la? Como protegê-la?*” (Palmas) Quem sabe não chamemos para a vigília também os Srs. Deputados, como o Deputado Nilson Mourão, aqui presente, e fazemos uma vigília do Congresso Nacional?

De todos os discursos que faço aqui, nenhum recebe tantos e-mails quanto os que fiz durante as vigílias de que participei. Não entendo como o povo brasileiro é tão notívago, como pode ficar ouvindo discursos até altíssimas horas: às 4h ou 5h da manhã chegam e-mails de pessoas dizendo que estão com a televisão ligada. Imaginem no caso de uma vigília sobre a Amazônia! Se a propalarmos bem, será a vigília do povo brasileiro, que estará ligado na televisão para assistir aos Parlamentares afirmarem aqui: “*Nós queremos, sim, adotar a Amazônia*”.

Podemos fazer isso, Senadora Marina Silva, e, quem sabe?, não a chamaríamos *Noite Chico Mendes*? Seria uma noite inteira dedicada a refletir sobre esse patrimônio maravilhoso, majestoso, que temos a obrigação de guardar para as futuras gerações de brasileiros, mas também para as futuras gerações de seres humanos. Porque ela é nossa, mas não para destruí-la. Ela é nossa para que saibamos mantê-la.

Ouço o aparte da Senadora Marina Silva.

A Sr^a Marina Silva (PT-AC) – Concordo com a idéia da vigília. Para que V.Ex^a saiba, a sociedade brasileira tem acompanhado os problemas da Amazônia de forma fantástica. A Rede Globo criou uma espécie de portal, uma forma de acompanhar o desmatamento, utilizando as imagens de satélite do DETER. No primeiro mês, mais de 37 milhões de pessoas acessaram o sistema para registrar o seu protesto – isso para termos uma idéia de quanto o Brasil hoje se mobiliza em defesa da Amazônia.

O SR. CRISTOVAM BUARQUE (PDT-DF) – Obrigado, Sr^a Senadora.

Vou concluir, Sr. Presidente, falando de um imenso débito que tenho com Chico Mendes.

Reitor da Universidade de Brasília, fui procurado por um grupo de seringueiros. Foram me dizer que queriam realizar o 1º Encontro Nacional de Seringueiros – Krenak estava presente, ainda com o rosto bem jovem. E eu, Reitor da UnB, patrocinei aquele encontro, que me tocou profundamente.

Sou professor de Economia do Brasil e não sabia como funcionava a atividade dos seringueiros. É um dos ciclos econômicos mais importantes da história deste País, e eu a conhecia pelos livros. Mas descobri como os livros são incompletos quando vi os equipamentos que eles trouxeram, quando os vi os equipamentos que utilizavam para iluminar, quando vi os equipamentos usados para a extração do látex. Nunca tinha colocado aqueles equipamentos, e Chico Mendes os colocou na minha mão.

Devo-lhe também, indiretamente, ter trazido um seringueiro para, durante 6 meses, dar aulas na Universidade de Brasília. Aula de quê? Aula da vida dele. E eu não me esqueço de que certa cobra, cujo nome não sei, não poderia ser morta, porque, se ela fosse extinta, outro animal se espalharia pela floresta de maneira negativa para a vida deles.

Esse casamento do homem com o meio ambiente eu aprendi na curtíssima convivência que tive com Chico e com esse seringueiro que ficou 6 meses na Universidade de Brasília como visitante.

Eu quero concluir assinalando esse débito e profundo essa vigília.

Senador Paulo Paim, V.Ex^a tem experiência em vigílias e saúde para enfrentá-las. Eu deixo aqui a idéia, não mais para este ano, mas para o próximo. Convidaremos o Ministro Carlos Minc a fazer parte dela. Vamos fazer uma vigília – *Noite Chico Mendes* –, para que os Senadores e Deputados venham aqui dizer qual é a nossa proposta para manter e proteger a Amazônia. (Palmas.)

Durante o discurso do Sr. Cristovam Buarque, o Deputado Osmar Serraglio, 1º Secretário, deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. Tião Viana.

O SR. PRESIDENTE (Tião Viana. PT-AC) – Concedo a palavra ao nobre Deputado Zenaldo Coutinho, pelo PSDB da Câmara dos Deputados e, a seguir, ao Senador Eduardo Suplicy, ao Deputado Fernando Melo, ao Deputado Fernando Gabeira, ao Deputado Nilson Mourão e ao Senador José Nery.

A Presidência apenas lembra aos oradores que esta sessão tem seu término previsto para as 14h, quando começarão as sessões ordinárias deliberativas do Senado Federal e da Câmara dos Deputados.

O SR. ZENALDO COUTINHO (PSDB-PA. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Senador Tião Viana, Sr. Deputado Osmar Serraglio, Srs. Ministros Carlos Minc e Paulo Vannuchi, Srs. Deputados, Srs. Senadores, senhoras e senhores familiares de Chico Mendes, senhores convidados, eu não venho falar sobre alguém com quem tenha partilhado a vida, tampouco a ideologia, os projetos, sequer a militância sindical ou partidária. Eu venho, nesta já tarde, homenagear um homem e seu sonho, sobretudo o direito de ele divulgar os seus sonhos, de pregar e militar de acordo com as suas convicções.

Aliás, como amazônica, devo registrar que muitos ainda não usam a força dos argumentos, mas a força letal das armas para silenciar aqueles que deles discordam. Ainda hoje, na Amazônia, essa prática acontece recorrentemente. Meu Estado, o Pará, tem sido palco de muitos conflitos em que a força das balas ainda atinge muitos brasileiros. Portanto, é com esse misto de indignação, defesa da democracia e da memória de um homem que lutou pelos seus sonhos e pelos seus projetos que venho a esta Casa fazer esta homenagem.

Registro presença da querida Deputada Perpétua Almeida, guerreira do Acre, na pessoa de quem cumprimento todos os colegas.

Francisco Alves Mendes Filho, o Chico Mendes, nasceu em 15 de dezembro de 1944. Criança ainda, adentrava a mata com o pai para aprender o ofício de seringueiro.

Não convivi com ele, mas tive o cuidado de ler um pouco da sua história. Sei, por exemplo, alguns fatos pitorescos da sua vida. Ele só foi aprender a ler e escrever aos 20 anos de idade, justamente porque nos seringais não havia escola. Talvez até em consequência da força ideológica dos grandes proprietários, que não queriam a educação dos seus empregados nem a dos filhos deles.

Em 1975, ele iniciou sua vida sindical. Em 1976, criou uma maneira pacífica, mas inusitada de manifestação: os empates, através dos quais, mediante o uso dos próprios corpos, os seringueiros protegiam as árvores. E talvez tenha sido um desses empates o causador da sua a morte, anos depois, já em 1988.

Interessante assinalar que Chico Mendes foi eleito Vereador em Xapuri pelo MDB; posteriormente, candidato a Deputado Estadual pelo PT, não logrou êxito. Portanto, Chico Mendes, apesar da sua força e da sua perseverança em torno de seus ideais, não alcançou no seu Estado a legitimidade política.

Mais o interessante, porém, é que ele já galgava o reconhecimento internacional. Tanto que a ONU lhe concedeu a honraria do Global 500, em reconhecimento pela sua luta em defesa do meio ambiente.

Da vida de Chico Mendes extraímos seu empenho pela adoção de um modelo que buscava aliar a preservação ambiental com a dignidade e a qualidade de vida dos amazônidas. E aqui cabe destacar que a Amazônia, com sua ampla diversidade – o Senador Tião Viana, também de lá, a conhece muito bem –, impõe também modelos diferentes.

Apesar de Parlamentar da Oposição, devo registrar momentos de convergência com o Governo, como a votação do projeto de gestão de florestas públicas, concebido pela então Ministra Marina Silva, projeto a que tive o prazer e a coragem de apoiar, por entender que o manejo de baixo impacto ambiental do segmento florestal é uma grande alternativa econômica para a nossa região, assim como as RESECs, bem concebidas em áreas estabelecidas, com participação social, também iniciadas com a luta de Chico Mendes, têm demonstrado ser um forte modelo alternativo para a manutenção das nossas riquezas naturais.

Mas, como eu dizia, a Amazônia é diversa, tem diferentes biomas, possui uma riqueza extraordinária, e certamente não haverá de ser um modelo exclusivo o que vai gerir nossas riquezas. Daí por que talvez seja muito importante a idéia do Senador Cristovam Buarque de fazer uma noite de vigília do Congresso Nacional para discutirmos políticas públicas para a Amazônia. Fundamentalmente, precisamos de duas coisas que até agora não temos tido: ciência e recursos. Sem ciência e sem recursos, caem no vazio os discursos, porque, obviamente, pouco se conhece da Amazônia. E a ciência a ser aplicada não pode sair de Brasília para a Amazônia, deve ser produzida na própria região.

Para tanto, também são necessários recursos. Como pode uma região tão rica e defendida pelo mundo inteiro não ter até hoje o seu zoneamento ecológico e econômico? Que tipo de proteção está garantida às nascentes dos rios, aos ninhais, aos biomas fragilizados? Não existe ciência a serviço do homem e a serviço da região. Talvez saiam, de maneira mais concreta, como eu disse, recurso e ciência, conhecimento e dinheiro para o estímulo da região.

Em setembro, após recolher diferentes apoio com auxílio da minha assessoria, apresentei projeto para atender os extrativistas atingidos pela sazonalidade, a safra e a entressafra. Por exemplo, os coletadores de açaí, os chamados peconheiros, aqueles que na época do verão amazônico coletam açaí, mas na época do inverno amazônico – para os que não sabem, o período chuvoso, porque continua quente – vão explorar a galinha dos ovos de ouro: vão extrair o palmito e matar

o açaizeiro. Diferentemente dos pescadores, que já têm o seguro-defeso para o período da reprodução dos peixes, os extrativistas artesanais não têm um seguro-desemprego para o período da entressafra.

Espero, Senador Tião Viana, que também no Senado Federal esse projeto repercuta e seja aprovado, uma vez que é extremamente justo, na medida em que atende os extrativistas artesanais e profissionais, que precisam, e muito, no período da entressafra, manter a dignidade e a qualidade de vida.

Sr. Presidente, Sr^{as}s. e Srs. Deputados e Senadores, no dia 22 de dezembro de 1988, quando ainda o Brasil festejava a Constituição cidadã, Chico Mendes foi assassinado. Hoje, lembramos os 20 anos da sua morte. Nesses 20 anos da Constituição Federal e 60 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos muito foi feito, mas os desafios são monstruosos, porque nossa região ainda padece de muita pobreza, de muita miséria, de muita destruição. Precisamos ter a capacidade de utilizar as áreas já antropizadas, já degradadas, para a cultura tradicional que já existe na região, o agronegócio, mas devemos estimular a ciência e destinar recursos para a proteção das nossas reservas naturais e, assim, garantir qualidade de vida para as futuras gerações.

Encerro esta breve manifestação, Sr. Presidente, lembrando uma frase lapidar de Chico Mendes. Disse ele que, quando começou a sua luta, pensava que lutava pelos seringueiros; depois, pensou que lutava pela Floresta Amazônica, e, ao final, percebeu que lutava era pela humanidade.

Essa talvez seja uma das suas frases mais importantes, a que dá a melhor dimensão da luta, à época, de um anônimo caboclo amazônica que acreditou no seu sonho.

Se diferenças e divergências existem no modo de pensar, o que deve nos unir profundamente é a garantia da integridade da nossa região, da qualidade de vida do nosso povo, da preservação da nossa floresta.

Muito obrigado. (*Palmas*.)

O SR. PRESIDENTE (Tião Viana. PT – AC) – Meus cumprimentos ao Deputado Zenaldo Coutinho.

O SR. PRESIDENTE (Tião Viana. PT – AC) – A Presidência registra a presença do Srs. Hamilton Pereira e João Alfredo, ex-Deputado Federal, hoje representante do *Greenpeace*.

O SR. PRESIDENTE (Tião Viana. PT – AC) – Concedo a palavra ao Senador Eduardo Suplicy, pela Liderança do bloco de apoio ao Governo. Em seguida, falarão o Deputado Fernando Gabeira, o Deputado Nilson Mourão e o Senador José Nery.

O SR. EDUARDO SUPILCY (PT-SP. Pronuncia o seguinte discurso.) – Queridos Presidente, Senador Tião Viana, e Deputado Osmar Serraglio, 1º Secretário da

Mesa que agora assume a presidência desta sessão; meus caros Ministros – que há pouco nos deixaram; querida Ilzamar Mendes, viúva de Chico Mendes; Sr^a Angela Maria Feitosa Mendes, filha de Chico Mendes e representante do Comitê Chico Mendes; querido Ailton Krenak – aceito o seu convite para, em fevereiro ou março, visitar novamente o Parque Iaomâmi; Sr. Raimundo Barros, do Comitê Chico Mendes; queridos Elenira, Sandino e Raimundo, filhos de Chico Mendes; querida Senadora Marina Silva, a quem agradeço o convite para participar da homenagem que a Assembléia Legislativa do Acre fará a Chico Mendes na próxima sexta-feira – fiquei honrado com o seu convite para vir hoje falar em nome da bancada do Partido dos Trabalhadores e também com o pronunciamento de Lucélia Santos.

Que bom que existe a Senadora Marina Silva. Ficamos todo dia reconfortados com a força extraordinária das suas palavras, de como ela aprendeu com Chico Mendes as coisas que a floresta ensina – e ficamos reconfortados especialmente com essa mistura que ela faz dos ensinamentos da Bíblia, da floresta, dos animais e das águas. Eu aqui estou sempre aprendendo.

Que falta Chico faz!

Lá se vão 20 anos desde que Chico Mendes nos deixou, assassinado pela mão de um homem cujo gesto representou a truculência, a ignorância, a ganância de um setor da sociedade brasileira que não admitia o que o Chico representava: a união do sindicalismo rural com o ambientalismo, a força das populações locais, o direito à terra para aqueles que nela vivem e trabalham, a firmeza, a assertividade, a sabedoria, a generosidade e, sobretudo, o ensinamento de como combinar a preservação da floresta, das águas e de tudo que ainda convive com o desenvolvimento econômico e solidário para todos os que nela vivem.

Chico Mendes, assim como Marina Silva, tornaram-se pessoas internacionalmente conhecidas a partir desse lugar especial onde a sua luta cresceu e venceu: a convergência entre duas forças importantíssimas na história do Brasil de hoje, os movimentos dos trabalhadores rurais e posseiros da Amazônia, tradicionalmente apoiados pela Igreja progressista, e o nascente movimento socioambiental, que teve enorme reforço com a realização, no Rio de Janeiro, da Rio-92.

Chico, Marina, assim como o Betinho, do IBASE, e tantos outros foram fundamentais para que essas duas forças encontrassem uma pauta comum com os maravilhosos frutos que conhecemos: um movimento de trabalhadores rurais e populações tradicionais preocupado com o meio ambiente e o fortalecimento da agricultura familiar e orgânica e um novo ambientalismo, que pensa o ser humano como parte fundamental da preservação do meio ambiente.

Desde que soube da realização desta sessão, passei a imaginar o que estaria Chico Mendes pensando se pudesse, na noite anterior ao seu assassinato, olhar numa bola de cristal e ver o Brasil de hoje e as políticas públicas que estão sendo pensadas para a Amazônia pelos mais diversos setores do Governo, do Ministério do Meio Ambiente, enfim, de todos os órgãos citados pela Senadora Marina Silva. O que diria Chico Mendes?

É claro que, ao longo dos últimos 20 anos, procuramos entender o rumo que as coisas tomaram e entender, mesmo que muitas vezes não a aceitemos, a correlação de forças em jogo.

Resgatamos lutas, ideais e sonhos que não morreram com Chico Mendes, que estão na mente e nas ações de milhares de ribeirinhos, seringueiros, quebradoras de coco, moradores de ilhas, quilombolas, caboclos, posseiros e tantos outros grupos, como os que participaram dos embates que conformam as populações tradicionais do Brasil.

Chico Mendes, a exemplo de todos aqueles que fazem parte das populações tradicionais que tão ele bem representou, nunca parou de lutar por seu direito à terra e à diferença, uma luta difícil, uma vez que os interesses antagônicos seguem fortes e truculentos. E o Ministro Carlos Minc nos lembrou há pouco dos acontecimentos havidos no Pará, como os que, infelizmente, vitimaram a Irmã Dorothy Stang.

Lembrar Chico Mendes é lembrar que “impossível” é palavra que não cabe no vocabulário do nosso povo de luta, é reafirmar o compromisso de cada um de nós por esse povo, seus anseios, projetos e batalhas.

Vivemos impasses importantes no que se refere às questões ambiental e fundiária na Amazônia. Os debates têm sido públicos e acalorados. Precisamos sempre procurar por luzes, como as proporcionadas pelos caminhos de Chico Mendes. Justamente nos seus ensinamentos e ações avaliamos e vislumbramos os grandes dilemas que enfrentamos e as soluções para eles.

O olhar doce e firme de Chico Mendes brilha ainda no olhar de Dona Raimunda, quebradeira de coco em Lago do Junco, no Maranhão, ou do seu Aldo, liderança quilombola de Saracura, no Pará, e de tantos outros homens e mulheres deste País que seguem acreditando na vida, no bem e na justiça.

É muito importante conhecer melhor todo o trajeto, o caminho de luz, de bom exemplo de Chico Mendes. A propósito, recomendo a todos que leiam os trabalhos de Zuenir Ventura, a exemplo de *Chico Mendes, Crime e Castigo*. Leio um trecho:

“Eu já tinha mais de 30 anos de carreira quando cheguei a Rio Branco, sem saber direito quem era aquele fascinante personagem. Só

depois que ele morreu, aos 44 anos, o Brasil descobriu haver perdido o que custa tanto a produzir: um verdadeiro líder. À frente dos seringueiros que organizou, ele desenvolveu táticas pacíficas de resistência com as quais defendeu a Amazônia, que a partir dos anos 70 sofrera um acelerado processo de desmatamento para dar lugar a grandes pastagens de gado”.

Não é à-toa, pois, que Marina Silva, em sua fala de hoje, relembrou Mahatma Gandhi, Nelson Mandela e Martin Luther King Jr.

Zuenir Ventura, que muito nos honra com sua presença, ao lado de Lucélia Santos, lembrou que Chico Mendes resolveu caminhar de forma pacífica, adotando o princípio não-violência, para defender aquilo em que mais acreditava.

Chico Mendes, portanto, faz imensa falta, mas suas idéias e sonhos nunca nos deixaram: estão vivos nas matas, nos campos, nos rios e nas ilhas deste País. Estão vivos aqui no Congresso Nacional, neste belo prédio desenhado por Oscar Niemeyer, e seguirem conosco quando sairmos daqui.

Sr. Presidente Osmar Serraglio, Chico Mendes vive em cada um de nós.

Muito obrigado, Senadora Marina Silva, por esta manhã tão bonita. (Palmas.)

Durante o discurso do Sr. Eduardo Suplicy, o Sr. Tião Viana, deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. Osmar Serraglio, 1º Secretário.

O SR. PRESIDENTE (Osmar Serraglio. PMDB-PR) – A Presidência registra, com satisfação, a presença do Senador Gerson Camata, do Espírito Santo.

O SR. PRESIDENTE (Osmar Serraglio. PMDB-PR) – O próximo orador inscrito é o Deputado Nilson Mourão, que falará pelo PT.

O SR. NILSON MOURÃO (PT – AC. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, ilustre Deputado Osmar Serraglio; familiares de Chico Mendes, Ilzamar, Raimundo Barros, Ângela Maria, Elenira; companheiro e amigo Krenak; demais Parlamentares presentes; Srs. Senadores; colegas e amigos do Acre; artistas, intelectuais que vieram prestigiar esta sessão, a homenagem proposta pela Senadora Marina Silva, Deputados Perpétua Socorro e Fernando Melo, é um símbolo para todos nós.

Com muita alegria, digo à ilustre Senadora Marina Silva que esta sessão é um símbolo e que suas palavras, cheias de esperança e sobretudo de sabedoria, nos edificaram a todos. A Senadora Marina Silva sempre nos emociona e nos comove pela capacidade e profundidade de suas palavras, mas, sobretudo, pelo

conteúdo sábio de nos orientar e lembrar aquilo que é mais importante e fundamental nessa visão.

Essa memória é a de um homem que deu a sua vida pelas suas idéias e seus sonhos. Não são muitos, mas existem na história aqueles que são capazes de dar a sua vida por suas idéias. Um profeta, há 2 mil anos, conhecido por Jesus de Nazaré, dizia que a maior prova de amor é expressa por aqueles que são capazes de dar sua vida por seus amigos. Foi o que o Chico Mendes fez.

Chico Mendes foi protagonista de um momento difícil e tenso da história do Acre: a transição da nossa economia extrativista para a pecuária. Chico se interpôs nesse meio, percebendo com clareza que aquele processo conduziria ao desastre ambiental, econômico e cultural da nossa região. Por essas idéias, deu a sua vida.

Naquele período, Chico foi uma espécie de profeta que pregava no deserto. Mas logo foi compreendido pelos seus amigos seringueiros, depois pela juventude, pelos intelectuais e pela Igreja. As suas idéias foram levadas à frente. Não chegou a ver o êxito, o triunfo das idéias pelas quais lutava. Na verdade, foi assassinado com as suas idéias ainda sendo vistas e revistas por muitos. Teve a compreensão dos órgãos internacionais e de milhares de brasileiros espalhados por nosso País.

Reconhecido por todos, Chico Mendes é um símbolo, em primeiro lugar, da dignidade dos seringueiros, dos índios e dos agricultores familiares. Em segundo lugar, é um símbolo porque vemos a nossa Amazônia articulando desenvolvimento e sustentabilidade.

Por essas idéias, Chico será sempre lembrado. Chico vive entre nós e será lembrado sempre por aqueles que querem ver a construção de um mundo mais justo, mais solidário e ambientalmente sustentável.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Osmar Serraglio. PMDB-PR) – A Presidência associa-se ao pronunciamento do Senador Eduardo Suplicy e registra a presença do jornalista Zuenir Ventura.

O Sr. Osmar Serraglio, 1º Secretário, deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. Tião Viana.

O SR. PRESIDENTE (Tião Viana. PT-AC) – Concedo a palavra ao próximo orador, Senador José Nery.

O SR. JOSÉ NERY (PSOL-PA. Pronuncia o seguinte discurso.) – Sr. Presidente, Deputado Osmar Serraglio, na pessoa de Ilzamar Mendes, gostaria de saudar a representação dos movimentos e do povo do Acre presentes nesta sessão especial do Congresso Nacional.

Sr's. e Srs. Senadores; Sr's. e Srs. Deputados Federais; Senadora Marina Silva, autora, com outros Parlamentares, do requerimento para realização desta sessão solene do Congresso Nacional destinada a reverenciar a memória do líder sindical e ecologista Chico Mendes; familiares de Chico Mendes presentes a esta sessão – a todos manifesto minha solidariedade, em especial a seus filhos e filhas; amigos e amigas, companheiros e companheiras de tantas jornadas de luta em defesa da classe trabalhadora, da reforma agrária, dos povos da floresta e suas reivindicações, quero dizer a todos os presentes e aos que nos acompanham pela *TV Senado* o quanto nos emocionamos ao falar da vida, da história, da militância socialista e do trabalho de um dos mais importantes líderes populares da história da Amazônia.

O período em que Chico Mendes viveu e militou como ativista em defesa das reivindicações da classe trabalhadora e dos povos da floresta foi um momento conturbado da história política do nosso País. Houve uma transição conservadora, costurada pelas elites políticas, representativas dos poderosos da indústria, do capital bancário e do latifúndio, o que impediu maiores avanços em questões fundamentais para a classe trabalhadora, como a verdadeira reforma agrária e o desmantelamento do poder desses segmentos, principalmente na esfera política, inclusive de suas representações no Congresso Nacional.

Em 1988, os movimentos sociais estavam construindo os primeiros passos para a consolidação do processo democrático e para maior participação dos segmentos populares na vida política da Nação. O movimento sindical da cidade e do campo era visto por muitos, inclusive por alguns líderes partidários que ainda se encontram no Congresso Nacional, como movimentos “subversivos”, “radicais” e de comunistas e de confrontação com a antiga e injusta estrutura fundiária do País.

Chico Mendes, com um grupo de militantes da esquerda socialista que atuava no Partido dos Trabalhadores, na Central Única dos Trabalhadores e com o apoio e a participação de camponeses e seringueiros, ajudou a construir um movimento de luta e de oposição ao latifúndio, primeiro no Estado do Acre e, depois, em vários pontos da Amazônia.

Chico Mendes e seus companheiros e companheiras inauguraram formas de mobilização e de confrontação com os latifundiários e grileiros de terra que perseguiam e matavam os trabalhadores rurais que ousavam se opor à violência e ao regime de escravidão a que estavam submetidos.

Foi na mobilização e na luta desses segmentos por ele liderados no Estado do Acre, na região de Xapuri

e nos Municípios vizinhos, que surgiram os empates, quando centenas de seringueiros, trabalhadores sem terra, posseiros e apoiadores impediam, por meio da mobilização, que a floresta sofresse devastação pelas madeireiras e pelos fazendeiros a elas associados.

Essa forma de luta ficou imortalizada pelos relatos do próprio Chico Mendes, de Júlio, de Raimundo, de Osmarino Amâncio e de tantos outros líderes dos seringueiros e por filmes que contam a vida e a resistência desses heróis da Amazônia.

Sr^{as}. Senadoras, Srs. Senadores, Sr^{as}. Deputadas, Srs. Deputados, digníssimos convidados, a cada dia se amplia a mobilização de diversos segmentos sociais contra as injustiças no campo e na cidade, dando seguimento à luta de centenas e centenas de militantes que, como Chico Mendes, deram a vida por uma causa justa e nobre. O momento é de lembrar que a sua luta não foi em vão.

A luta pela reforma agrária se ampliou em todo o País. As reservas extrativistas na Amazônia se tornaram uma realidade. As denúncias contra o desmatamento e a grilagem de terra se ampliaram em todo o País e no exterior. Alguns fazendeiros e pistoleiros foram condenados pela Justiça por crimes contra os trabalhadores rurais, apesar de a impunidade e a pistolagem ainda imperarem em boa parte da região amazônica.

Não poderia deixar de registrar que o brutal assassinato da Irmã Dorothy Stang, executada por pistoleiros a mando do latifúndio, em 12 de fevereiro de 2005, em Anapu, no Estado do Pará, também se insere no contexto da presente sessão solene. Sua morte veio somar-se aos mais de 1.300 assassinatos registrados no campo, conforme denuncia a Comissão Pastoral da Terra, nas últimas décadas, segundo as palavras de um de seus mais importantes membros e dirigentes, o Bispo de Goiás, Dom Tomás Balduíno.

A respeito desse infame crime do latifúndio, Dom Tomás disse em pronunciamento que “*o Governo fracassou nas questões sociais. Pode ser que do lado do agronegócio, do superávit primário, da diminuição do risco Brasil, o Governo seja um sucesso... Mas a morte da Irmã Dorothy é uma severa profecia de anúncio e de denúncia do seu fracasso.*”

Quero reforçar o pensamento daqueles que afirmam que enquanto persistir uma política econômica que privilegia o agronegócio e a concentração de terra, enquanto milhões de famílias continuarem a ser expulsas de suas terras, enquanto não houver uma verdadeira reforma agrária, viveremos sob o impacto de assassinatos e de violência contra todos aqueles que lutam pela reforma agrária e pela paz no campo.

Não posso deixar de registrar os massacres e chacinas contra lideranças dos trabalhadores rurais

que ocorreram depois do assassinato de Chico Mendes. Corumbiara, Eldorado do Carajás, Acampamento da Fazenda Primavera, Assassinato de Kenu, do MST do Paraná, entre outros crimes do latifúndio, muitos deles ainda sem punição dos culpados.

Sou Senador pelo Estado do Pará. Conheço de perto com que métodos o latifúndio atua na região amazônica. Não há limites. A violência e a pistolagem ainda imperam na Amazônia contra as organizações populares e contra todos que se opõem ao poder do latifúndio.

O que nos entristece, Sr^{as}. e Srs. Parlamentares, é que perdura até hoje, principalmente nos Estados do Pará, do Tocantins e do Maranhão, formas de exploração dos trabalhadores que se assemelham ao trabalho escravo, o que nos envergonha como povo e como Nação. Ainda existe muita impunidade daqueles que cometem crimes gravíssimos contra os direitos humanos e contra o meio ambiente.

Não podemos deixar que a lição de Chico Mendes e seus companheiros caia no esquecimento.

Faço uma saudação especial à Senadora Marina Silva, ao Senador Geraldo Mesquita e ao Senador Tião Viana, os quais, na qualidade de representantes do Estado do Acre, são testemunhas e partícipes, como militantes e defensores dos povos da Amazônia, de todos os acontecimentos históricos relatados neste breve pronunciamento.

A todos os seringueiros do Acre e da Amazônia, a todos os camponeses da região norte do meu Estado, o Pará, a todos os que lutam por uma sociedade mais justa, igualitária e fraterna, a todos, enfim, que deram a vida pelo ideário socialista, como Chico Mendes, presto minha homenagem neste momento, desejando que nunca mais o nosso País seja palco de acontecimentos como o covarde assassinato de inescrúpulo líder seringueiro Chico Mendes e de outros crimes cometidos pelo latifúndio.

Ao finalizar, Sr. Presidente, quero dizer que, infelizmente, em virtude de razões superiores, não poderei estar presente, no próximo dia 5 de dezembro, sexta-feira, à reunião que Comissão de Direitos Humanos do Senado Federal, por iniciativa da Senadora Marina Silva, realizará nem Rio Branco, no Estado do Acre, destinada a homenagear a história de Chico Mendes. Mas tenho certeza de que as Sr^{as}. e Srs. Senadores presentes representarão condignamente esta Casa e o anseio de todos nós pela continuidade da luta e do sonho que Chico Mendes tão bem disseminou com a doação da própria vida.

Motivo dos mais calorosos debates no mundo inteiro, a questão ambiental se transformou numa pauta da atualidade, tal o grau dos crimes ambientais – cri-

mes que culminaram, por exemplo, com o chamado aquecimento global —, o que exige de todos (Governos, Parlamentos e sociedade) uma posição decisiva no combate a todas as formas de degradação do meio ambiente.

Recentemente, em Santa Catarina, enchentes levaram à morte mais de 100 pessoas e à destruição de residências e de patrimônios. Talvez seja esse, infelizmente, o retrato de muitas outras tragédias a acontecer no Brasil e no mundo afora.

Enquanto países se reúnem em conferências mundiais patrocinadas pela ONU para discutir formas de enfrentamento aos crimes ambientais e à necessidade do estabelecimento de política mundial de combate à degradação, na busca da verdadeira sustentabilidade, prestamos aqui esta justa homenagem à memória do líder seringueiro Chico Mendes.

Que os pronunciamentos aqui feitos e a presença de cada um de nós sirvam, de fato, para firmarmos um compromisso radical em defesa da vida, em defesa da dignidade das pessoas em qualquer parte do planeta.

O sonho de Chico Mendes em defesa da Amazônia, da floresta, dos rios e das culturas tradicionais dos seus povos deve ser compromisso de todos os que queremos construir um Brasil e um mundo mais justo.

Desejo ainda lembrar, Sr. Presidente, senhoras e senhores convidados, que no próximo dia 18 de dezembro o Senado Federal realizará sessão especial em homenagem aos 60 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Aproveito, então, a oportunidade para convidar Parlamentares e instituições para também, ao celebrar os 60 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, reafirmarmos nossos compromissos em defesa da vida e da dignidade humana.

Sr. Presidente, senhoras e senhores convidados, agradeço a todos a presença, com a certeza de que o comparecimento de cada um é a afirmação do compromisso pela continuidade da luta e dos sonhos de Chico Mendes.

Era o que tinha a dizer.

Muito obrigado, Sr. Presidente. (*Palmas.*)

Durante o discurso do Sr. José Nery, o Sr. Tião Viana, deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. Osmar Serraglio, 1º Secretário.

O SR. PRESIDENTE (Osmar Serraglio. PMDB-PR) – Concedo, com satisfação, a palavra ao Deputado Chico Alencar, do PSOL.

O SR. CHICO ALENCAR (PSOL-RJ. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Deputado Osmar Serraglio, familiares de Chico Mendes, queridos amigos de

tantas batalhas, sonhos, lutas, nós não fizemos uma sessão solene conjunta, mas uma celebração.

O ser humano é um bichinho que tem símbolos, que gosta de rituais – felizmente. É um diferencial. E nós nos humanizamos quando recuperamos essa dimensão mística, independentemente das nossas crenças metafísicas. E é dimensão mística porque todos nesta sessão – e pude ouvir vários – fizeram questão de destacar que a luta, os ideais, o compromisso de vida de Chico Mendes permanecem não só atualíssimos como inteiramente vivos.

A vida do Chico não se esgotou no curto espaço de tempo de sua existência corporal. Ela foi uma semente e continua sendo uma fonte de inspiração para nós. Não para todos os 513 Deputados – alguns não puderam vir, outros não quiseram –, nem para todos os 81 Senadores – alguns não puderam vir, outros não quiseram – porque estão em campos opostos, no campo daqueles que destruíram Chico Mendes: o latifúndio, a falta de cuidado com o planeta e irresponsabilidade para com a Terra.

Creio que a síntese desta celebração tem de estar inspirada num outro Francisco, que morreu 800 anos atrás, o de Assis, que dizia: “*A melhor maneira de homenagear os nossos mortos é fazer o que eles fizeram*”.

Sejamos sempre Chico Mendes.

Muito obrigado, Sr. Presidente. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Osmar Serraglio. PMDB-PR) – A Presidência registra, com satisfação, a presença do Sr. Adrian Cowell, documentarista do filme sobre a vida do homenageado de hoje: Chico Mendes. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Osmar Serraglio. PMDB-PR) – Passamos agora ao período em que convidados que nos prestigiam podem se manifestar.

Inicialmente, concedo a palavra ao Sr. Júlio Barbosa de Aquino, do Conselho Nacional dos Seringueiros.

O SR. JÚLIO BARBOSA DE AQUINO – Sr. Presidente, Deputado Osmar Serraglio, na pessoa de quem cumprimento todos os membros da Mesa; Srª. Senadora Marina Silva, uma das idealizadoras desta sessão; companheiros e companheiras presentes; familiares de Chico Mendes, prestar uma homenagem a uma pessoa como Chico Mendes não é coisa simples. E não é simples porque Chico, para nós, seus amigos e companheiros, com quem convivemos desde criança e na militância do movimento social, sempre foi uma pessoa muito diferenciada.

Nunca, na minha vida, encontrei alguém com a intuição de Chico Mendes, capaz de prever com precisão o que poderia acontecer no futuro.

Chico Mendes foi alfabetizado já adulto, como já disseram muitos oradores. Ele não tinha formação acadêmica. Ele não era cientista. Ele não era pesquisador. No entanto, há 30 anos, quando, sob a sua liderança, começamos a nos organizar, no Estado do Acre, principalmente no Município de Xapuri, em defesa do seringueiro, do seringal e da floresta, um dos argumentos que o Chico usava para convencer os companheiros era dizer que, se a Floresta Amazônica fosse destruída, nós iríamos sofrer grandes consequências com a seca. Dizia ele que os rios poderiam secar, a temperatura da Terra aumentar, e muito, e a natureza sofrer grande desequilíbrio.

Como era possível alguém que não tinha estudado os fenômenos da natureza, que não tinha se preparado nos bancos de escola ser capaz de prever que, desaparecendo a floresta, os povos da Amazônia também desapareceriam?

Por isso, o Chico era uma pessoa diferenciada: ele previa o futuro.

Não vou me alongar, porque a sessão precisa terminar, em razão do horário. Para nós, que somos seguidores da sua luta – e temos dezenas, centenas e milhares de companheiros e companheiras que seguiram o exemplo da luta do Chico, e posso citar a Senadora Marina Silva, posso citar Parlamentares do Acre aqui presentes, posso citar o Raimundo, companheiro e primo do Chico, posso citar a família do Chico –, a coisa que mais nos marcou era o que ele nos dizia quando nos reuníamos em nosso sindicato ou quando nos reuníamos para organizar os empates na floresta. Dizia ele que nenhuma luta teria resultado se não fosse seguida de disciplina, compromisso e união.

E o Chico tinha uma coisa que só depois de ler um livro de Leonardo Boff eu percebi: era o saber cuidar. Ele sabia cuidar muito bem de todos os companheiros e companheiras que estavam ao seu redor; ele sabia cuidar muito bem de cada passo a ser dado para os companheiros conseguirem resultado na sua luta.

Dessa forma, ele nos transmitiu a responsabilidade com o cuidar das coisas. Hoje, quando vejo a Senadora Marina Silva ter o maior cuidado com o que diz, ter o maior cuidado com suas ações, sempre imagino que, como seguidora de Chico Mendes, ela ainda tem na lembrança a mensagem que Chico nos passava: o comprometimento, o cuidado, a disciplina, a união e a responsabilidade.

Encerro minhas palavras repetindo o que disse o Deputado José Genoíno no início da sessão: O Chico teve sempre em sua cabeça a idéia da revolução, só que, apesar de ser uma pessoa de formação revolucionária, entendia que a revolução iria acontecer a partir do con-

vencimento de todos da necessidade de mudança do modelo de desenvolvimento da região e do País.

Por essa razão, Chico Mendes sempre dizia que para tudo se encontrava um jeito. Mesmo assim ele sabia que sua vida estava em jogo. E ele teve uma morte anunciada por ele mesmo, porque tinha consciência de que a sua luta mexia com grandes interesses de grupos muito poderosos.

Então, neste momento, nós, amigos, amigas, companheiros e companheiras de Chico Mendes, prestamos esta homenagem a ele, uma personalidade que foi diferenciada na história do movimento social do Brasil e do mundo.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Osmar Serraglio. PMDB-PR) – Vamos prosseguir, prestando atenção ao fato de que já se iniciou a sessão do Senado Federal.

Concedo a palavra à Srª Elenira Mendes, filha de Chico Mendes.

A SRA. ELENIRA MENDES – Boa tarde, senhoras e senhores!

Agradeço aos Senadores e Deputados que estão prestando esta linda homenagem ao meu pai.

Vinte anos depois, faço aqui uma reflexão sobre essa história que, para mim, começou de forma muito trágica, de forma muito dolorosa e que ainda dói muito no meu peito. Quando vejo minha filha perguntando pelo avô, eu não tenho o que falar a ela, a não ser dizer que ele está no céu, que nem mesmo eu tive o prazer de desfrutar do seu carinho e do seu amor de pai.

Mas fico imaginando também, mãe, como foi difícil para você criar seus filhos, o Sandino e eu, diante de tantas perguntas que, imagino, nós 2 temos feito a você. Imagino como foi duro enfrentar aquele momento, há 20 anos, de tantas especulações, de tantas coisas que muitas vezes nos fizeram tropeçar pelo caminho. Mas hoje tenho uma grande preocupação com relação a essa luta e com o que aconteceu há 20 anos.

Por muito tempo eu me esquivei desse legado, mas chegou o momento, diante de tantos relatos e mensagens que meu pai deixou, em que eu percebi que não podia ficar omissa a tudo que estava acontecendo diante de mim (*palmas*), a uma responsabilidade que era tão minha quanto dos companheiros que ainda militam nessa luta. Eu não podia me afastar da minha missão. Como fugir diante de tantos exemplos, diante de tanta certeza e convicção que meu pai tinha de que a luta em defesa da Amazônia não poderia parar?

Agora, cito uma passagem de entrevista que ele concedeu em 1988, em data próxima à sua morte. Ele dizia assim: “*Eu tenho um compromisso moral comigo. Essa luta eu não posso largar, mesmo que tenha que*

receber balas assassinas. Mas nós temos o compromisso de levar para frente”.

Eu aqui quero me referir a uma pessoa muito especial, a Senadora Marina Silva. Para mim, hoje, ela é referência e modelo de compromisso. Ela leva esse compromisso adiante, leva esse legado adiante, leva a luta e a história adiante e faz valer o sangue que o meu pai derramou em 22 de dezembro de 1988.

Marina, eu tenho essa referência. Você, para mim, é uma referência do que foi a luta do meu pai e de que é possível, sim, continuar lutando. É possível, sim, passados 20 anos, continuar lutando junto com muitos outros companheiros. Você foi uma grande companheira do meu pai. (*Palmas.*) Hoje, com certeza, ele olha para você e diz que valeu a pena.

Apesar das adversidades, os sonhos de meu pai não ficaram apenas na memória de poucos, entulhados em velhas revistas ou velhos livros a que nem todos podem ter acesso. Os sonhos do meu pai ficaram no coração daqueles que caminharam com ele lado a lado e que hoje fazem desses sonhos políticas de governo, ideais de florestania.

E 20 anos depois, eu posso compreender a missão que Chico Mendes, o meu pai, veio cumprir nesta Terra, a de salvar a Amazônia, de ser um anjo em defesa da luta dos povos da floresta.

Eu queria compartilhar com vocês muitos outros sentimentos, muitos outros desejos, mas o tempo é curto. Vinte anos se passaram, mas tenho certeza de que 20 anos da muita luta virão em defesa da floresta, porque essa luta não pode parar.

Obrigada. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Osmar Serraglio. PMDB-PR) – Concedo a palavra ao Sr. Temístocles Marcelus, do Fórum Brasileiro de ONGs e Movimentos Sociais para o Meio Ambiente.

O SR. TEMÍSTOCLES MARCELUS – Boa tarde, Deputado Osmar Serraglio; boa tarde Raimundão; boa tarde Ilzamar; boa tarde Ângela Mendes; boa tarde Ailton Krenak.

Conheço muito pouco Brasília. A caminho do Senado Federal, passei próximo ao Supremo Tribunal Federal. Descobri o quanto é perto esta sala daquela Corte. Não sabia que eram tão próximas.

Senadora Marina Silva, eu conversava há pouco com o querido Deputado José Genoíno sobre o privilégio de ter visto Chico Mendes no III Congresso Nacional da CUT, em Belo Horizonte, cidade em que nasci. Foi ali que Chico Mendes apresentou e sustentou a tese em defesa dos povos da floresta.

Essa tese já foi resumida pela Senadora Marina Silva e por outros que aqui falaram, mas se eu também pudesse fazê-lo diria que ela defende um pacto de vida

para os povos da floresta e para a floresta. Trata-se de um pacto diferente de tantos outros divulgados atualmente pela mídia e por outros setores da sociedade. Diferentemente do defendido por Chico Mendes, esses têm defendido sentenças de morte.

No fim de 2000, tive a sinal de integrar a Executiva Nacional da CUT e de ser o responsável pela coordenação da Comissão Nacional de Meio Ambiente.

Cumprimento o Presidente do Senado Federal que acaba de chegar.

Gostaria de dizer ao Ministro Tarso Genro e ao Ministro Paulo Vannuchi que a melhor homenagem que o Senado da República poderia prestar a Chico Mendes, como também disse o querido Deputado Federal Chico Alencar, era assegurar que, em cada lugar em que cada um de estivermos, seja na Câmara dos Deputados, seja Senado Federal, seja em órgãos do Executivo, seja em sedes de empresas da mídia, no Brasil ou no mundo, os ideais de Chico Mendes em defesa da vida sejam defendidos. A melhor homenagem que hoje podemos prestar à memória de Chico Mendes é não matar aqueles que prolongam a vida de Chico Mendes.

A responsabilidade de superar a crise civilizatória por que passa a humanidade é de todos nós. Então, todos nós, de forma coletiva, devemos empenhar o máximo de esforços para superar essa crise.

Há alguns anos respondo pela política de meio ambiente da CUT. Se tivesse mais tempo, teria muito para falar sobre o desdobramento ou as consequências da aplicação da tese de vida que Chico Mendes defendeu nos meios por onde passou.

Eu queria encerrar esta fala agradecendo à Ministra Marina Silva e parabenizando-a. Também parabenizo a Mesa Diretora e o Senado Federal por terem tido a coragem de prestar esta homenagem a esse grande homem que foi Chico Mendes.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

Durante o discurso do Sr. Temístocles Marcelus, o Sr. Osmar Serraglio, 1º Secretário, deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. Garibaldi Alves Filho, Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Garibaldi Alves Filho. PMDB-RN) – Concedo a palavra ao último orador, o Sr. Ailton Krenak, fundador da Aliança dos Povos da Floresta.

O SR. AILTON KRENAK – Sr. Presidente, Srs. Parlamentares, amigos presentes, as palavras que aqui foram ditas sobre esse querido amigo, o Chico Mendes, são como gotas de orvalho para o meu coração e para o meu espírito, pois lembram um ser humano verdadeiro, um exemplo para todos nós.

O Prof. Darcy Ribeiro, falando sobre sua experiência com algumas das nossas tribos, dizia para seus alunos e amigos que ninguém ficava impune depois de conhecer os índios ou de com eles conviver, no sentido de que esse encontro significava um compromisso para o resto da vida.

No caso do nosso querido Chico Mendes, cabe dizer a mesma coisa. Ninguém que o conheceu ficou impune. No meu caso, nós nos encontramos no reconhecimento da possibilidade de uma aliança entre os índios e os seringueiros.

Desde que o meu amigo Chico Mendes foi embora, fiquei com o compromisso invencível de tocar esse trabalho com os meus companheiros que continuam vivos.

Era o que eu queria compartilhar com os senhores hoje. Essa aliança continua se expressando das maneiras possíveis em cada época, em cada lugar. Hoje, ela se expressa nessa maneira plural de juntar índios, seringueiros, ambientalistas, Parlamentares, lideranças políticas, membros de governos, representantes de instituições do mundo inteiro que reconhecem, na semente plantada por Chico Mendes, uma próspera planta que anima o coração dos seres humanos, que abre a perspectiva de vivermos num mundo melhor.

Muito obrigado aos senhores. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Garibaldi Alves Filho. PMDB-RN) – Informei que o Sr. Ailton Krenak era o último orador, mas não é. Ouviremos, ainda, 2 oradores.

Sendo assim, tenho a honra de conceder a palavra à atriz Lucélia Santos. (*Palmas.*)

A SRA. LUCÉLIA SANTOS – Obrigada. Agradeço a oportunidade.

Querida Deputada Marina Silva, queridas autoridades presentes, Srs. Senadores, Srs. Deputados, amigos, Ailton Krenak, família do Chico Mendes, serei muito breve.

Realmente, aceitei a oportunidade de falar apenas para fazer um registro sobre o encantamento que foi o meu encontro com o Chico Mendes há 20 anos.

Nesta semana, encontrei um documento aparentemente perdido, mas eu sabia que o tinha guardado em algum lugar. Trata-se de uma longa entrevista que fiz com o Chico Mendes, há 20 anos, na casa dele, com o Izalmar à mesa, tomando cafezinho nas latinhas de leite condensado, e o Sandino fazendo o maior barulho.

Comecei a ouvir essa narrativa do Chico Mendes. Nela, ele conta toda a sua história, desde os 9 anos de idade, quando foi para o seringal. Naquela época, os seringalistas não deixavam as crianças irem para a escola estudar. Para aumentar a renda familiar, Chico foi obrigado a virar seringueiro muito novinho, aos 9 anos de idade.

Conta como aprendeu a ler, como foi para o sindicalismo e o prêmio que recebeu nos Estados Unidos; conta como era nevrálgico naquela época o trabalho na floresta, nas reservas extrativistas.

Chorei muito quando comecei a ouvir a voz do Chico. Vou transformar esse material em mídia digital e disponibilizar. Mandarei cópias para a família do Chico, para a Elenira, para o museu da Senadora Marina Silva, para todos os que quiserem.

A vida nos proporciona belos encontros. Encontrei o Chico no Rio. Ele falava sobre o projeto das reservas. Nós colamos um com o outro – isso foi no dia 1º de maio de 1988, 6 meses antes de ele ser assassinado.

Confesso aos senhores que me sinto sempre muito triste e ainda com certo sentimento de luto quando falo do Chico. Fui com ele ao Governador do Estado e às autoridades competentes pedir proteção. Mas, sinceramente, nunca me passou pela cabeça que iriam matá-lo. Ele sabia. Ele fala na fita várias vezes: “Se não me matarem...” Enfim, mataram-no.

Hoje, todas os oradores dirigiram-se para um ponto de luz. Sabemos que o Chico vive, e eu tenho certeza de que se ele não tivesse, num verdadeiro *bodhisatva*, dado seu corpo e sua vida por essa luta, talvez a situação da floresta fosse muito pior, talvez a destruição tivesse sido muito mais galopante, talvez nada mais dela estivesse em pé.

Ele nos deixou a obrigação de, como ele mesmo ensinava, assumir a responsabilidade pela defesa da floresta, do que ainda resta dela e de continuar dando nossa vida e nosso espírito para que essa floresta continue sendo referência de saúde e de equilíbrio ambiental para o planeta Terra e para os seres que aqui vivem.

Obrigada, Chico, por você nos ter abençoado com a sua vida; obrigada por tudo que você fez pela floresta e por nós. Continuamos na luta. Que você continue vivo sempre nos nossos corações e nos das gerações futuras.

Obrigada, Senadora Marina Silva, por esta oportunidade. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Garibaldi Alves Filho. PMDB-RN) – Concedo a palavra – não vou mais dizer à última oradora, não – à Senadora Serys Slhessarenko.

A SRA. SERYS SLHESSARENKO (PT-MT. Sem revisão da oradora.) – Sr. Presidente, Srs. Parlamentares, senhoras e senhores que compõem a Mesa, senhoras e senhores presentes, Ministra Marina Silva, em nome de quem saúdo todos neste plenário, começo pedindo desculpas por não ter estado aqui antes. Sou membro da Comissão Mista de Orçamentos, e o Senador Suplicy sabe em quantas comissões já estivemos hoje, além da mobilização dos trabalhadores

na Esplanada dos Ministérios – aliás, gigantesca. Felizmente, muita coisa importante está acontecendo ao mesmo tempo. Mas dou graças de ainda chegar aqui e contar com a benevolência do nosso Presidente para poder dizer algumas palavras.

O SR. PRESIDENTE (Garibaldi Alves Filho. PMDB-RN) – Senadora Serys, permita-me fazer um registro. Está presente neste plenário, inclusive é meu conterrâneo, o para-atleta Clodoaldo Silva, que já obteve tantas medalhas. (*Palmas.*) São seis medalhas de ouro, uma de bronze e uma de prata.

Ele veio participar da Semana de Valorização da Pessoa com Deficiência, realizada no Senado Federal.

Portanto, Clodoaldo, aceite a minha saudação. Você soube superar muito bem uma dificuldade que parecia iria marcar a sua vida, mas o que terminou marcando sua vida foram as suas vitórias.

Devolvo a palavra à Senadora Serys, pedindo desculpas.

A SRA. SERYS SLHESSARENKO (PT-MT) – Não, imagine. Ainda ontem fiz um discurso aqui e citei o nome de vários que, diria, não são “para”, não. Não sei por que esse “para”! São atletas e da maior qualidade. A sessão de ontem, que tratou de acessibilidade e da valorização das pessoas deficientes, realmente demonstrou isso nas várias histórias aqui apresentadas.

Retomando, agradeço ao Sr. Presidente, às Srs. e aos Srs. Senadores e à Sra. Lucélia Santos, muito amada, entre tantos outros.

Decorridos 20 anos da morte de Chico Mendes, suas causas continuam unindo os povos da Amazônia e todos os brasileiros que se preocupam com o futuro daquela região.

Reverenciado por ambientalistas, por entidades de defesa de direitos humanos e sobretudo pelos seringueiros, castanheiros, índios, ribeirinhos, os chamados povos da floresta, seu martírio, Chico Mendes, com certeza, não foi em vão.

As sementes que plantou, nas lutas pela preservação da floresta, pelo desenvolvimento sustentável, pela vida com dignidade e cidadania nos seringais, ainda rendem frutos. Talvez até fosse mais correto dizer que aquelas sementes começam a render frutos, porquanto os grandes projetos que vislumbrava implicam longo tempo de maturação.

Dizíamos que o tempo precisa de tempo para maturação, para tudo aquilo que você pensou, Chico Mendes. Infelizmente, ainda persistem, como ocorre em meu Estado, questões muito complicadas. Ainda persiste a prática do trabalho escravo, a perseguição a líderes, não só lá, mas também no Brasil como um todo. Muitos líderes aca-

bam sendo vítimas até de emboscadas, como sucedeu com a missionária americana Dorothy Stang.

Esses fatos, senhoras e senhores, por sua natural repercussão, em face de sua violência e do seu poder de destruição, levam muitas pessoas a desacreditar no futuro da Amazônia e na possibilidade de se combinarem desenvolvimento econômico, respeito aos direitos humanos e sustentabilidade ambiental. Chico Mendes antevia uma nova realidade para a região. Aqueles que conheceram sua obra e conhecem seu legado hão de lembrar suas palavras, praticamente um hino de amor à floresta, recentemente publicadas no site *amazonianamidia*: “A Amazônia está ocupada. Em todos os cantos há populações indígenas, há pessoas que trabalham, que colhem o látex e, ao mesmo tempo, lutam pela conservação da natureza. Enquanto houver indígenas e seringueiros na Floresta Amazônica, há esperança em salvá-la”.

O empenho de Chico Mendes em salvar a Amazônia foi proporcional à cobiça de latifundiários e aventureiros diante das imensas riquezas da região. Para melhor compreender os conflitos e as agressões ambientais que têm ocorrido na região, é preciso ter em mente que a Amazônia detém os maiores estoques de biodiversidade, de madeira e água doce do mundo. O potencial, como sabemos, é grande. Tenho aqui desrito esse potencial mas não vou relatá-lo, porque, com certeza, isso já foi abordado nesta sessão.

O potencial é grande. Não surpreende que a Amazônia se torne alvo da ambição de latifundiários e aventureiros sem escrúpulos. Com o tempo, foram-se acirrando os previsíveis conflitos entre colonos, índios, caboclos e ribeirinhos – moradores tradicionais da região – e os jagunços e pistoleiros contratados pelos latifundiários.

Foi nesse ambiente, Sr. Presidente, de extrema violência, em que os moradores da região eram perseguidos ou expulsos da terra que ocupavam, que Chico Mendes exerceu sua liderança. Sindicalista atuante, militante político, ele lutou para conter o avanço das madeireiras e a expansão das fazendas de pecuária, grandes responsáveis pelo desmatamento indiscriminado que se avultou nos anos 70 e 80 do século passado.

Como Lucélia há pouco dizia neste plenário, nenhum de nós acreditava, na época, em tanta luta. Quem acreditava? Por mais que soubéssemos das ameaças, achávamos que isso não iria acontecer.

Idealistas, mártires e ativistas como Chico Mendes, Dorothy Stang ou a nobre colega e ex-Ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, esta mulher grande – ela é muito grande; o que ela tem de miudinha fisicamente, tem de grande em termos de competência e compromisso com a causa –, que por tanto tempo lutou ao lado de Chico Mendes, em defesa da Amazônia, são pessoas que con-

tribuem de forma significativa para que esse processo ocorra mais rapidamente e com maior acerto.

Em determinadas áreas da região amazônica, os resultados da luta de Chico Mendes são mais visíveis. No Estado do Acre, especialmente, os amazônicas começam a colher os frutos de um novo ciclo econômico. É o que se observa, por exemplo, na região de xapuri, onde os seringueiros que participam do Projeto de Assentamento Agroextrativista Chico Mendes, também conhecido como Seringal Cachoeira, se beneficiam do uso múltiplo das riquezas da floresta.

Em reportagem especial, publicada no começo deste ano, foi mostrado como os seringueiros do projeto se tornaram economicamente independentes, se modernizaram e tiram o seu sustento com o manejo consciente das riquezas da floresta. *“O novo boom econômico do Seringal Cachoeira, que está mexendo com o comércio, a indústria e os ânimos dos habitantes das cidades do Vale do Acre – diz o periódico – vem-se consolidando com as atividades econômicas desenvolvidas pelos seringueiros a partir da borracha, da castanha, da madeira, de frutas tropicais, do ecoturismo e até de animais silvestres”.*

Sr. Presidente, senhoras e senhores presentes, o boom econômico que ocorre na região do Vale do Acre tem impulsionado a economia também dos Municípios próximos. Este modelo de uso múltiplo das riquezas e de promoção do desenvolvimento sustentável tende a se reproduzir em muitas outras comunidades da Amazônia, confirmando a tese de que a produção da riqueza não implica de jeito algum a exploração do homem nem a destruição do ecossistema.

No momento em que lembramos tristemente o vigésimo aniversário da morte de Chico Mendes, devemos nos inspirar nele, devemos buscar no seu legado a tenacidade e a coragem para mudar e o descontino para promover novas estratégias de desenvolvimento com sustentabilidade e respeito aos direitos humanos.

Muito obrigada. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Garibaldi Alves Filho. PMDB-RN) – Ao encerrar esta sessão do Congresso Nacional, solicitada pela Senadora Marina Silva, quero agradecer ao Deputado Osmar Serraglio, que durante grande parte do tempo presidiu esta sessão, com grande brilhantismo, como sempre.

Lamento não ter participado de toda esta sessão, como gostaria, em função de ter assumido anteriormen-

te o compromisso de participar do Congresso Mundial de Engenheiros, que está sendo realizado no Centro de Convenções Ulysses Guimarães. Atrasou muito o início da solenidade. Pelo fato de o Presidente Lula ter chegado de Recife de madrugada e ter atrasado toda a agenda, S.Ex^a somente chegou ao Centro de Convenções, acredito, perto das 13h.

Vejo, entretanto, que tivemos uma sessão das mais concorridas e representativas, com a presença de Ministros de Estados, Parlamentares e, o mais importante, com a presença dos companheiros e companheiras de Chico Mendes, aqueles que estiveram com ele em todos os momentos, aqueles que testemunharam a sua luta em favor de melhores dias para o povo da floresta; companheiros e companheiras daquele que arrostando as incompreensões dos poderosos e que terminou tombando, vítima de balas assassinas.

Quero agradecer especialmente, em nome do Congresso Nacional, pela presença à Sr^a Ângela Maria Feitosa Mendes, filha de Chico Mendes e Presidenta do Comitê Chico Mendes; ao Sr. Aílton Krenak, que acaba de falar, Fundador da Aliança dos Povos da Floresta; ao Sr. Raimundo de Barros, membro também do Comitê; à Sr^a Izamar Mendes, viúva de Chico Mendes; ao Ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc; ao Ministro da Justiça, Tarso Genro; e ao Senador Tião Viana, que presidiu parte desta sessão.

Minha cara Marina Silva, acredito que esteja feliz com tudo o que aconteceu aqui, com tudo o que se viu aqui. Foi, sem dúvida, uma demonstração de quanto Chico Mendes foi importante para este País, sobretudo para o país que queremos e que ele queria que fosse construído. O país dos seus sonhos é o país também dos nossos sonhos: o país da liberdade, o país da democracia; país sem discriminação, sem injustiças; o país que, enfim, desejamos sobretudo para os nossos filhos.

Vejo que não faltaram oradores. Tivemos muitos.

Ao encerrar esta sessão, quero reiterar nosso compromisso com os ideais e com a luta de Chico Mendes.

O SR. PRESIDENTE (Garibaldi Alves Filho. PMDB-RN) – A Presidência comunica ao Plenário o recebimento do texto “Chico Mendes – Caminheiro da Humanidade”, do Deputado Pedro Wildon Guimarães.

É o seguinte o texto recebido:

CHICO MENDES – CAMINHEIRO DA HUMANIDADE

Pedro Wilson Guimarães

“O que se corta em segundos gasta tempo prá vingar
e o fruto que dá no cacho prá gente se alimentar?
depois tem o passarinho, tem o ninho, tem o ar
igarapé, rio abaixo, tem riacho e esse rio que é um mar”
Vital Farias (Violeiro-Poeta-das Matas e dos Sertões)

1. Conhecemos Chico Mendes nas lutas pela redemocratização brasileira e na defesa dos povos da floresta na luta pela paz. Chico

Mendes na construção do Conselho Nacional dos Seringueiros. E na luta dos direitos humanos, na construção do PT e da CUT por um Brasil melhor para todos. Assim conhecemos aquele homem em São Paulo, Brasília, Goiânia, Porto Velho, Rio Branco, Londres (Prêmio Global 500 da ONU/1987), Nova York (Medalha da “Sociedade para um Mundo Melhor/1987), Brasileia, Cobija, Xapuri e no Acre de toda a sua vida. Conhecemos Chico Mendes pelos jornais lutando pela defesa de índios, ribeirinhos, seringueiros, posseiros, trabalhadores, pescadores que sabiam viver, trabalhar e preservar a terra, as matas, as águas e os bichos da Amazônia. Chico Mendes lutando pelos empates. Falar de Chico Mendes é lembrar da luta contra a devastação da floresta amazônica pelos grileiros e fazendeiros latifundiários que tendo destruído terras da mata atlântica, pampa, cerrado agora invadiam suas terras com nelores derrubando sem dó seringueiras, castanheiras, madeiras de lei, árvores frutíferas para colocar o capim colonião, depois braquiaria, depois... O gado valia mais que o povo. Assim da noite para o dia machados, tratores, moto serras e fogo faziam o serviço desta invasão para o surgimento de pastagens, cercas de arames farpados, uso de agrotóxicos, como os tordons da vida, agentes laranja, usados nas terras vietnamitas para envenenar as vidas humanas, as águas e as terras. E os financiamentos do Banco Mundial/BM, BID, empreiteiras e grileiros? Chico Mendes saltou fora de dentro da então pacata Xapuri/Acre que surgia agora como estado da federação nacional e ainda em plena ditadura para uma das maiores lutas brasileiras do fim do século XX. Luta pela vida, estilo, modo de vida em que o homem e a natureza convivem. Utopias dentro do capitalismo selvagem e devorador de homens/mulheres e naturezas mil a serviço do progresso sem limites. Progressos geradores agora e no futuro de desertos, desastres naturais, ações predatórias que vão destruir nações indígenas, poluir rios com minerações, migrações desenfreadas para abrir o coração da floresta e roubar sua paz para sempre. Tempos idos e vividos. Chico Mendes lá estava com raimundos, terezinhas, jacquelines, zezés, joãos, josés, antônias, marias, henriques, sebás, jorges, nilsons, tiãos, marinas, elios, betinhas, lucianos, julianas, binhos, brents, wilsons, stelas, marys, biancas lutando nas trilhas das seringueiras, cupuaçus, graviolas, sâo daimes, palmeiras, árvores, águas e terras da vida. Um dia uma espingarda disparou o tiro certo na floresta, no coração da Amazônia que ecoou por todo mundo, matando não somente Chico Mendes mas trazendo medo. Morte que matava aqui, ali e lá no latifúndio denunciado por Pedro Casaldáliga. Agora matava mais uma vez o prêmio global da ONU por uma floresta de paz na guerra insensata, irredenta, inconclusa feita pelos neocolonizadores da Ameríndia, terras de maias, tupis, xavantes, incas, caiapós, carajás, gaviões, craós, pataxós, xingus, boca do acre. Urueu wau wau, terenas, suruís, guaranis, cimi, funai, aba, unb, ufac, ucg, ufg, cns, itabira, ailton krenak, megaron, osmarino, cardoso, raoni, samuel, gumercino, wilson pinheiro. E izalmar, elenira e sandino (filhos de Chico Mendes), julio nicácio, júlio barbosa, binho, mourão, padre

avalone, padre asfuri, raimunda, pascoal, manoel pacífico, marcos afonso, cese, mndh/cddh, d. moacir. Cada nome uma história, memória e compromissos passados, presentes e futuros com os povos das florestas dos cerrados e das amazonias da vida digna de ser vivida. Existem muito mais nomes que neste momento a memória não alcança, mas todos dignos da luta de Chico Mendes pela Amazônia.

2. Chico Mendes, filho da floresta, Acre, Xapuri, antes de ser cidadão do mundo foi serigueiro, sindicalista, ambientalista, fundador do PT e da CUT. Fundador dos sindicatos de trabalhadores rurais de Brasiléia e Xapuri. Vereador do MDB de Xapuri. E participante das lutas dos seringueiros contra os desmatamentos através dos chamados "empates". Por defender posses dos povos locais foi ameaçado continuamente de morte, como de fato aconteceu. Foi enquadrado na lei de segurança nacional, acusado de subversão por defender a amazônia, julgado e absolvido pelo tribunal militar de Manaus, 1984. Chico Mendes começou andar mais pelo Brasil e pelo mundo na promoção e defesa da Amazônia e da humanidade ("no começo pensei que estivesse lutando para salvar seringueiras, depois pensei que estava lutando para salvar a floresta amazônica. Agora, percebi que estava lutando pela humanidade"). Organiza o primeiro encontro e conselho nacional dos seringueiros/CNS com a proposta para União dos Povos da Floresta (índios, castanheiros, seringueiros, pescadores, ribeirinhos, posseiros, camponeses, quebradeiras de cocos) com as reservas extrativistas, uma espécie de reforma agrária sem derrubadas das matas. Milhares de pessoas, lideranças, entidades pedem pela segurança de Chico Mendes mesmo premiado globalmente pela ONU e homenageado por dezenas de organizações e parlamentos do Brasil e do mundo. Há hoje centenas de parques, avenidas, prêmios, medalhas com nome de Chico Mendes, mas gostaríamos mesmo é que ele estivesse vivendo o Brasil do século XXI. Foi assassinado pelos latifundiários que migraram para Amazônia já tendo destruído outras matas, como fizeram com Rose, Margarida, Nativo, Sebastião Rosa da Paz, Padre Burnier, Índio Simão Bororó, Adelaide, Rodolfo, Teixeirinha, Chê, Camilo, D. Romero, Sandino e agora Dorothy Stang americana como Luther King nas lutas de ontem e hoje pela paz e direitos civis, direitos humanos? Todos na luta pela humanidade peregrina de Deus do planeta amazônico, terra, água, ar, clima, planeta azul, planeta de Francisco Alves Mendes Filho.

3. Nestas andanças conhecemos Chico Mendes e sua dinâmica atividade apoiada pelo movimento nacional dos direitos humanos em Rio Branco e em todo Brasil. Assim nos encontramos como militantes dos direitos humanos, das universidades, do PT, da CUT e principalmente nas suas idas por Brasília onde se preparava para ajudar a realizar a assembléia nacional constituinte para superar a lenta e gradual abertura do regime militar por uma democracia cidadã, livre e soberana. Nestes tempos e espaços, reitor da UCG e professor da UFG (depois da luta pela anistia ampla, geral e irrestrita, diretas já e mobilizações por todas partes brasileiras verdes amarelas como a Amazônia). Pude ver, assistir, colaborar e participar de andanças do caminheiro Chico Mendes que alargava nossas visões sobre problemas que grassavam em sua terra, nossa terra: estradas, polonoroeste, usinas, migrações, desmatamentos, queimadas, conflitos, mortes, ações predatórias. E brasileiros no Paraguai e na Bolívia, brasiguaios e brasiliânicos? Borrachas, madeiras, sojas, minérios, contrabandos, narcotráficos, armas? Cobiças, podres poderes pobres?

4. Chico Mendes com suas denúncias e anúncios, lutava pelos empates. Estava nas defesas das florestas, defesa de uma sociedade mais justa e fraterna. Realizava em Brasília/Câmara Federal – Comissão de Meio Ambiente no auditório Nereu Ramos o encontro de gente solidária com os povos da floresta com participação de Carmem Junqueira, Betty Midlin, Mary Alegretty, José Lutzemberg, Adrian Cowell, Mauro Leone, aba, unb, ucg, cns, secretaria de educação do Amapá, Raquel Capiberibe, Itabira, Suruí, Marcos Terena, Vicente Rios, Vanderlei Castro, Mário Arruda, funai, cimi, ucg/cida (Canadá), pnud. Os ecos das queimadas e derrubadas e conflitos estavam por todos os

lados, Amazônia, Bico do Papagaio (1986 morte do Padre Josimo e os irmãos canutos), Paraná, RS, Pontal, Cerrados, Nordeste, mst, contag, universidades, mídias, correio brasiliense, jornal de brasília e a Câmara dos Deputados, tudo registrava. Com este encontro entre 1985 e 86 começava uma nova e grande caminhada de Chico Mendes e companheiros pela Amazônia, em defesa das florestas e seus habitantes nativos. De Brasília para Porto Velho, 1986, para Goiânia 1987 depois de volta para Brasília constituinte.

5. Encontro de Porto Velho em 1986. Participavam UCG, UFG, UnB, CNS, ABA, ONGs, Lutzemberg, Governador Angelim, Pedro Wilson, reitor da UCG, indígenas Paacas Novos, Cintas Largas, Suruis, Gaviões, IGPHA, Vanderlei, Mário, Vicente Rios, Gabriel, Raimundo, Renato, Sanches. Denúncias e mais denúncias de desmatamentos, mercúrio nas águas do Rio Madeira, polonoroeste e também polocentro, estradas ameaçavam as florestas e os tapiris dos urueu wau waus e as reservas do Rio Guaporé, Rio Javari, Jamari e minerações nas terras indígenas. Era tempo de constituinte de 1987 para 1988. Lideranças como Chico Mendes, Ailton Krenak, Raimundo, Apoena Meirelles, Mary Alegretti gritavam pela natureza, pela floresta. Todas florestas. Muitas pressões em Brasília possibilitavam avanços na Constituição Cidadã e ambiental de Ulysses Guimarães. Estes encontros de Brasília, Porto Velho, Goiânia, Rio Branco e outros lugares possibilitaram mais argumentos para serem inseridas na Constituição de 1988, o ano que não terminou para Chico Mendes.

6. Assim em 1987 foi realizado um terceiro encontro dos povos da floresta com o nome de "semana da paz" por causa do acidente radioativo Césio 137 que aconteceu em Goiânia com repercussão mundial. Na Faculdade de Educação da UFG, centenas de lideranças indígenas, seringueiras, componesas, professores, estudantes, técnicos, igrejas, mídias debateram sobre o acidente Césio 137 – até hoje não resolvido passados vinte anos, com graves sequelas para famílias, pais e filhos que tiveram contados diretos e indiretos do bairro popular de Goiânia. E lógico voltaram a tona temas relativos a garimpos em terras indígenas, estradas cortando áreas dos índios. Ameaças a tribos isoladas como a dos Urueu wau wau em Rondônia e mais desmatamentos e queimadas. E ameaças aos seringueiros que respondiam pacificamente com seus empates. Presentes gente do museu Goeldi do Pará, Megaron, Raoni, Mary Alegretti, Fernando, Adriana, Marcos, Donald, equipes da Universidade Católica de Goiás – Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia – IGPHA e da Universidade Federal de Goiás/Museu Antropológico, UnB. Mário Arruda, Vicente, Vanderlei, professores, pesquisadores, estudantes de Goiânia e Brasília, cobertura da imprensa local, regional: O Popular, Dmanhã, TBC. Agora era caminhar para 1987 e 1988 – anos da constituinte/constituição cidadã.

7. Gostaríamos de lembrar e homenagear todo um conjunto de pessoas e entidades que estiveram na luta de Chico Mendes (durante e depois). Muitos hoje são destacadas lideranças nacionais, estaduais e municipais. Assim queremos lembrar da grande conquista, resultado da luta de Chico Mendes e de muitos outros. E que são considerar a amazônia, bioma e patrimônio natural brasileiro, e a primeira dezena de governo petista no Acre, com a dupla Jorge Viana e Binho, o prefeito de Rio Branco, Angelim. E muitos deputados estaduais e federais, senadores, secretários, governadores e dezenas de prefeitos e vereadores que realizam e constróem juntos muitas utopias sonhadas por Chico Mendes (sonhos sonhados juntos) com o Presidente Lula e Marina Silva no desenvolvimento sustentado e na cidadania. Lembrar do cddhd, cdhep, cimi, cns, comin, cpi/ac, cpt/ac, cta, cut, fetacre, gta, morhan, pesacre, projeto aquiri, ramh, sos amazônia, simdecaf, sindsep, sinpassa, sintest, str brasiliéia, str sena, str xapuri e uni. Lembrar da Fundação Chico Mendes nas pessoas de Izalmar(sua esposa) e da atual presidente e filha Elenira Mendes e de toda diretoria e filiados que empreendem a boa luta herdada deste grande companheiro, sangue derramado que fertilizou e muito a luta social que é Chico Mendes. Noticia-se que no dia 22 de dezembro próximo (e perto do Natal de Jesus Cristo da Boa Nova/Evangelicamente radical e revolucionariamente do amor) o Presidente Lula falará a nação brasileira de todos nós e sempre de Chico Mendes.

8. Antes e ao longo destes encontros citados estiveram e sempre estão no Brasil equipes da CIT/PLC de Londres, coordenada por Adrian Cowell e associada ao IGPHA-UCG que produziram os mais belos e veementes apelos e denúncias sobre a destruição da Amazônia. A década da destruição foi registrada com a realidade sendo filmada passo a passo nos confrontos com as dramáticas e vermelhas queimadas. Chico Mendes esteve no início não pode estar no fim, foi assassinado de 22/12/1988. A equipe do extraordinário homem e amigo do Brasil Adrian Cowell (veio para ficar um ano, já está vinte e oito anos) foi formada por gente de fora e do Brasil. Registrados Christopher, Macfaller, Jimmy Dibling, Albert Baylle, Vicente Rios, Rafael Carvalho, Roger James, Terry Tuigg, Auro Luz, Mário Arruda, Apoena, Godofrey, Clive Fendry, Nélia Rios, Andrew Mason, Stephen, Vanderlei Castro (recentemente falecido e que deixa em Diorama, Goiás a Agrotec, uma experiência vitoriosa agroextrativista, fitoterápica, agricultura familiar solidária nos cerrados/sertões/savanas do Centro Oeste brasileiro dos rios Araguaia e Caiapó que poderá ter uma reserva ambiental em homenagem a esse grande ambientalista que foi Vanderlei e Solange, sua companheira que continua a luta com outros companheiros/as). E muito mais gente que não vai ser citada, mas que ajudaram muito nesta luta. E nestas obras e serviços prestados relevantemente para o Brasil do século XXI. Filmes, documentários como: 1) Caminhos de Fogo, 2) Na Trilha dos Urueu Wau Wau; 3) Nas Cinzas da Floresta; 4) Financiando o Desastre; 5) Montanha de Ouro; 6) Chico Mendes Quero Viver; 7) Amazônia em Chamas; 8) Tempestades na Amazônia; 9) Fugindo da Extração; 10) Fragmentos de Um Povo; 11) O Destino dos Urueu Wau Wau; 12) Barrados e Condenados; 13) Uma Dádiva para a Floresta; 14) O Sonho do Chico; 15) Matando pela Terra; 16) Na Batida da Selva. Acontecerá uma mostra destes documentários em Brasília de 8/12 – 12/12 e uma outra mostra em Rio Branco e Xapuri de 15/12 – 22/12. São documentos definitivos para a história (erros e acertos) do desenvolvimento sustentado (ou não) da Amazônia e mesmo dos cerrados de Rondônia e Brasil Central. A história já está julgando e é preciso que o amigo de Chico Mendes, o Presidente Lula, abra ainda mais os olhos para esta realidade que é presente e futuro do Brasil, dependendo das propostas e realizações das políticas públicas agrícolas e ambientalistas nestes século XXI. Chico Mendes ontem, hoje e sempre vivo na memória e na história: “No começo pensei que estivesse lutando para salvar seringueiras, depois pensei que estava lutando para salvar a floresta amazônica. Agora, percebi que estava lutando pela humanidade”. Chico Mendes, caminheiro da humanidade do século XX para o século XXI na construção conjunta de uma sociedade ecologicamente correta, justa e fraterna. Oxalá. Viva a vida. Todas vidas humanas, animais, vegetais, águas e minerais da terra de mil sóis, luas, ventos, ares, clímas saudáveis. E no fim de janeiro de 2009, em Belém/Pará, Amazônia acontecerá um novo Fórum Social Mundial porque a história segue e outro mundo é possível (é possível superar esta grave crise mundial neoliberal e imperial e ultrapassar com muitas lutas sociais e democráticas este capitalismo selvagem). É desejável e urgente neste século XXI. Vamos combater o bom combate por uma sociedade libertária e igualitária para todos homens e mulheres no planeta azul/verde, dos direitos humanos universais.

NB:

1. Pedro Wilson Guimarães. Deputado Federal PT/GO. Ex-Vereador e Prefeito de Goiânia. Professor da UCG, PUCSP e UFG 1968/2006. Membro das Comissões de Educação e Cultura; Direitos Humanos e Minorias e Legislação Participativa. Site: www.pedrowilson.com.br; e-mail: dep.pedrowilson@camara.gov.br. Militante dos Direitos Humanos, ecologia, fé e ética na política, participação, educação e cultura.

O SR. PRESIDENTE (Garibaldi Alves Filho. PMDB-RN) – O Senador Valdir Raupp encaminhou discurso em homenagem a Chico Mendes, nos termos do art. 203, do Regimento Interno do Senado Federal.

O SR. VALDIR RAUPP (PMDB – RO. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr's. e Srs. Parlamentares, muito oportuna esta sessão convocada pelo Senado Federal para prestar homenagem a um dos grandes heróis da Amazônia e do Brasil, o seringueiro Chico Mendes. O Brasil chora os 20 anos de sua morte. Chico Mendes foi um mártir em defesa da natureza, um homem à frente de seu tempo. Seu legado hoje, em tempos de discussão sobre o aquecimento global, é mais vivo do que nunca.

Chico Mendes nasceu, viveu e foi criado para a selva amazônica. Desde cedo aprendeu o ofício de seringar borracha com o pai. Não lhe restava outra alternativa - o prodigioso menino só teve a oportunidade de aprender a ler aos 20 anos de idade. Mas a floresta lhe forneceu mais do que a borracha e lhe deu outras chances de mostrar seu valor.

Adulto, seguiu à profissão do pai e logo desponhou como uma referência entre seus pares. Tinha um talento fantástico para cativar as pessoas e a indignação própria dos homens que vêm mudar o mundo. Chico Mendes não tolerava as péssimas condições de trabalho a que eram submetidos os seringueiros. Percebia que a exploração irresponsável da floresta aniquilaria o meio e o homem. Denunciava a concentração fundiária, chaga que atormenta o Brasil desde sua descoberta.

Para Chico Mendes, o crescimento na Amazônia deveria respeitar os limites impostos pela natureza e a exploração indiscriminada iria exterminar a mata. Seguindo exemplo de outros grandes pacifistas, como Ghandi, Chico e seus companheiros se engajaram na luta em defesa da natureza. Promoviam os famosos empates onde Chico Mendes e seus companheiros protegiam as árvores com a própria vida. Essa consciência libertária conquistou muita gente e chamou a atenção do Brasil e do mundo.

Chico Mendes era um líder com idéias e ações para mudar a realidade. Foi um dos primeiros a perceber que o homem – branco, negro ou índio, seringueiro ou pescador, ribeirinho ou pequeno extrativista – tinha de se unir para proteger a floresta. Chico Mendes já sabia o que era desenvolvimento sustentável antes de se tornar palavra da moda. Ele, aliás, lançou moda, quando promoveu a “*União dos Povos da Floresta*”, que ganhou as manchetes internacionais.

No exterior, recebeu incontáveis prêmios, como o *Global 500*, oferecido pela Organização das Nações Unidas aos heróis da defesa ecológica no mundo. E como todo grande homem, despertou a ira e inveja dos poderes constituídos. Foi perseguido, submetido à tortura e a inúmeros interrogatórios. Ele e sua família receberam agressões e várias ameaças de morte. Os inimigos da Amazônia viam nele o principal adversário. Queriam calar a voz que bradava em defesa da natureza e dos oprimidos da floresta.

Mas a coragem de Chico Mendes era muito maior que o medo. O herói não se intimidou e prosseguiu em sua missão. O movimento que liderava ganhava cada vez mais força e intimidava os poderosos. Saiu do Acre para percorrer o Brasil, levando sua mensagem. Conseguiu grandes vitórias, como a implantação das primeiras reservas extrativistas em seu Estado natal.

Infelizmente, os oponentes não viram outra alternativa a não ser calar aquela voz. Foi quando, em 22 de dezembro de 1988, Chico Mendes foi assassinado na porta de sua casa, deixando mulher e filhos. Para a infelicidade dos assassinos, sua voz ecoou cada vez mais alto e para sempre. Hoje, se temos a consciência da necessidade de preservar nosso maior tesouro natural, a floresta amazônica, é porque Chico Mendes continua a gritar em nossos corações.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Garibaldi Alves Filho. PMDB-RN) - Está encerrada a sessão.

(Encerra-se a sessão às 14 horas e 43 minutos.)

CONSELHOS

CONSELHO DA ORDEM DO CONGRESSO NACIONAL

(Criado pelo Decreto Legislativo nº 70, de 23.11.1972)
(Regimento Interno baixado pelo Ato nº 1, de 1973-CN)

COMPOSIÇÃO

Grão-Mestre: Presidente do Senado Federal
Chanceler: Presidente da Câmara dos Deputados

MESA DA CÂMARA DOS DEPUTADOS	MESA DO SENADO FEDERAL
PRESIDENTE Deputado Arlindo Chinaglia (PT-SP)	PRESIDENTE Senador Garibaldi Alves Filho (PMDB-RN)
1º VICE-PRESIDENTE Deputado Narciso Rodrigues (PSDB-MG)	1º VICE-PRESIDENTE Senador Tião Viana (PT-AC)
2º VICE-PRESIDENTE Deputado Inocêncio Oliveira (PR-PE)	2º VICE-PRESIDENTE Senador Alvaro Dias (PSDB-PR)
1º SECRETÁRIO Deputado Osmar Serraglio (PMDB-PR)	1º SECRETÁRIO Senador Efraim Moraes (DEM-PB)
2º SECRETÁRIO Deputado Ciro Nogueira (PP-PI)	2º SECRETÁRIO Senador Gerson Camata (PMDB-ES)
3º SECRETÁRIO Deputado Waldemir Moka (PMDB-MS)	3º SECRETÁRIO Senador César Borges (PR-BA)
4º SECRETÁRIO Deputado José Carlos Machado (DEM-SE)	4º SECRETÁRIO Senador Magno Malta (PR-ES)
LÍDER DA MAIORIA Deputado Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN)	LÍDER DA MAIORIA Senador Valdir Raupp (PMDB-RO)
LÍDER DA MINORIA Deputado Zenaldo Coutinho (PSDB-PA)	LÍDER DO BLOCO PARLAMENTAR DA MINORIA Senador Mário Couto (PSDB-PA)
PRESIDENTE DA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE CIDADANIA Deputado Eduardo Cunha (PMDB-RJ)	PRESIDENTE DA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO, JUSTIÇA E CIDADANIA Senador Marco Maciel (DEM-PE)
PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DE DEFESA NACIONAL Deputado Marcondes Gadelha (PSB-PB)	PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL Senador Heráclito Fortes (DEM-PI)

(Atualizada em 02.06.2008)

SECRETARIA-GERAL DA MESA

Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)

Senado Federal – Anexo II - Térreo

Telefones: 3311-4561 e 3311-5258

scop@senado.gov.br

CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

(13 titulares e 13 suplentes)

(Criado pela Lei nº 8.389, de 30 de dezembro de 1991)

(Regimento Interno aprovado nos termos do Ato da Mesa nº 1, de 2004)

Presidente:

Vice-Presidente:

LEI Nº 8.389/91, ART. 4º	TITULARES	SUPLENTES
Representante das empresas de rádio (inciso I)		
Representante das empresas de televisão (inciso II)		
Representante de empresas da imprensa escrita (inciso III)		
Engenheiro com notório conhecimento na área de comunicação social (inciso IV)		
Representante da categoria profissional dos jornalistas (inciso V)		
Representante da categoria profissional dos radialistas (inciso VI)		
Representante da categoria profissional dos artistas (inciso VII)		
Representante das categorias profissionais de cinema e vídeo (inciso VIII)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		

1ª Eleição Geral: Sessão do Congresso Nacional de 5.6.2002

2ª Eleição Geral: Sessão do Congresso Nacional de 22.12.2004

SECRETARIA-GERAL DA MESA DO SENADO FEDERAL

Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)

Senado Federal – Anexo II - Térreo

Telefones: (61) 3311-4561 e 3311-5258

scop@senado.gov.br - www.senado.gov.br/ccs

CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
(Criado pela Lei nº 8.389, de 30 de dezembro de 1991)
(Regimento Interno aprovado nos termos do Ato da Mesa nº 1, de 2004)

COMISSÕES DE TRABALHO

01 – COMISSÃO DE REGIONALIZAÇÃO E QUALIDADE DA PROGRAMAÇÃO E DE RADIODIFUSÃO COMUNITÁRIA²

02 – COMISSÃO DE TECNOLOGIA DIGITAL

03 – COMISSÃO DE TV POR ASSINATURA

04 – COMISSÃO DE MARCO REGULATÓRIO

05 – COMISSÃO DE LIBERDADE DE EXPRESSÃO

SECRETARIA-GERAL DA MESA DO SENADO FEDERAL
Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)
Senado Federal – Anexo II – Térreo
Telefones: (61) 3311-4561 e 3311-5258
scop@senao.gov.br
www.senado.gov.br/ccai

² Constituída na 11ª Reunião do CCS, de 5.12.2005, como união da Comissão de Regionalização e Qualidade da Programação com a Comissão de Radiodifusão Comunitária. Todos os membros de cada uma das duas comissões originais foram considerados membros da nova comissão. Aguardando escolha do coordenador (art. 31, § 5º, do Regimento Interno do CCS).

REPRESENTAÇÃO BRASILEIRA NO PARLAMENTO DO MERCOSUL
COMPOSIÇÃO

18 Titulares (9 Senadores e 9 Deputados) e 18 Suplentes (9 Senadores e 9 Deputados)

Designação: 27/04/2007

Presidente: Aloizio Mercadante (PT/SP)

Vice-Presidente: Deputado George Hilton² (PP-MG)

Vice-Presidente: Deputado Claudio Diaz² (PSDB – RS)

SENADORES

TITULARES	SUPLENTES
Maioria (PMDB)	
PEDRO SIMON (PMDB/RS)	1. NEUTO DE CONTO (PMDB/SC)
GERALDO MESQUITA JÚNIOR (PMDB/AC)	2. VALDIR RAUPP (PMDB/RO)
DEM	
EFFRAIM MORAIS (DEM/PB)	1. ADELMIR SANTANA (DEM/DF)
ROMEU TUMA (PTB/SP)	2. RAIMUNDO COLOMBO ⁶ (DEM/SC)
PSDB	
MARISA SERRANO (PSDB/MS)	1. EDUARDO AZEREDO (PSDB/MG)
PT	
ALOIZIO MERCADANTE (PT/SP)	1. FLÁVIO ARNS (PT/PR)
PTB	
SÉRGIO ZAMBIAZI (PTB/RS)	1. FERNANDO COLLOR ⁸ (PTB/AL)
PDT	
CRISTOVAM BUARQUE (PDT/DF)	1. OSMAR DIAS ⁴ (PDT/PR)
PCdoB	
INÁCIO ARRUDA (PCdoB/CE)	1.
DEPUTADOS	
TITULARES	SUPLENTES
PMDB/PT/PP/PR/PTB/PSC/PTC/PTdoB	
CEZAR SCHIRMER (PMDB/RS)	1. MOACIR MICHELETTO ⁷ (PMDB/PR)
DR. ROSINHA (PT/PR)	2. NILSON MOURÃO (PT/AC)
GEORGE HILTON (PP/MG)	3. RENATO MOLLING (PP/RS)
ÍRIS DE ARAÚJO (PMDB/GO)	4. VALDIR COLATTO (PMDB/SC)
PSDB/DEM/PPS	
CLAUDIO DIAZ (PSDB/RS)	1. LEANDRO SAMPAIO ⁵ (PPS/RJ)
GERALDO RESENDE (PPS/MS)	2. ANTONIO CARLOS PANNUNZIO ³ (PSDB/SP)
GERMANO BONOW (DEM/RS)	3. CELSO RUSSOMANNO ¹ (PP/SP)
PSB/PDT/PCdoB/PMN/PAN	
BETO ALBUQUERQUE (PSB/RS)	1. VIEIRA DA CUNHA (PDT/RS)
PV	
JOSÉ PAULO TÓFFANO (PV/SP)	1. DR. NECHAR (PV/SP)

(Atualizada em 13.11.2008)

Secretaria: Câmara dos Deputados - Anexo II - Sala T/28 – 70160-900 Brasília – DF / Brasil

Fones: (55) 61 3216-6871 / 6878 Fax: (55) 61 3216-6880

e-mail: cpcm@camara.gov.br

www.camara.gov.br/mercosul

¹ Indicado conforme Ofício nº 160-L-DEM/08, de 04.06.08, do Líder do DEM, Deputado Antonio Carlos Magalhães Neto, lido na Sessão do SF de 05.06.08.

² Eleito em 14.8.2007, para o biênio 2007/2008.

³ Indicado conforme Of. PSDB nº 856/2007, de 28.11.2007, do Líder do PSDB, Deputado Antonio Carlos Pannunzio, lido na Sessão do SF de 19.12.2007.

⁴ Indicado conforme Ofício nº 28/08-LPDT, de 09.07.08, do Líder do PDT, Senador Osmar Dias, lido na Sessão do SF de 09.07.08, em substituição ao Senador Jefferson Praia, em virtude de sua renúncia, conforme Of. s/nº, datado de 09.07.2008.

⁵ Indicado pela Liderança do PPS, nos termos do OF/LID/Nº 157/2008, de 19.06.2008, lido na Sessão do Senado Federal dessa mesma data, tendo em vista a renúncia do Deputado Ildelei Cordeiro, conforme OF GAB Nº 53/2008, de 18.06.2008.

⁶ O Senador Raimundo Colombo retornou ao exercício do mandato em 25.10.2008, conforme comunicado datado de 28.10.2008, lido na Sessão do Senado Federal dessa mesma data.

⁷ Indicado pela Liderança do PMDB, nos termos do OF/GAB/I/nº 949/2008, de 11.11.2008, lido na Sessão do Senado Federal de 12.11.2008.

⁸ O Senador Fernando Collor encontra-se licenciado por 123 (cento e vinte e três) dias, a partir de 10.09.2008.

COMISSÃO MISTA DE CONTROLE DAS ATIVIDADES DE INTELIGÊNCIA
(Art. 6º da Lei nº 9.883, de 1999)

COMPOSIÇÃO

CÂMARA DOS DEPUTADOS	SENADO FEDERAL
LÍDER DA MAIORIA HENRIQUE EDUARDO ALVES PMDB-RN	LÍDER DA MAIORIA VALDIR RAUPP PMDB-RO
LÍDER DA MINORIA ZENALDO COUTINHO PSDB-PA	LÍDER DO BLOCO PARLAMENTAR DA MINORIA MÁRIO COUTO PSDB-PA
PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL MARCONDES GADELHA PSB-PB	PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL HERÁCLITO FORTES DEM-PI

(Atualizada em 02.06.2008)

SECRETARIA-GERAL DA MESA
Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)
Senado Federal – Anexo II - Térreo
Telefones: 3311-4561 e 3311- 5258
scop@senado.gov.br
www.senado.gov.br/ccai



**PODER LEGISLATIVO
SENADO FEDERAL
SERVIÇO DE ADMINISTRAÇÃO ECONÔMICO-FINANCEIRA**

**DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL
PREÇO DE ASSINATURA**

SEMESTRAL

Diário do Senado Federal ou Diário da Câmara dos Deputados – s/o porte (cada)	R\$ 58,00
Porte do Correio	R\$ 488,40
Diário do Senado Federal ou Diário da Câmara dos Deputados – c/o porte (cada)	R\$ 546,40

ANUAL

Diário do Senado Federal ou Diário da Câmara dos Deputados – s/o porte (cada)	R\$ 116,00
Porte do Correio	R\$ 976,80
Diário do Senado Federal ou Diário da Câmara dos Deputados – c/o porte (cada)	R\$ 1.092,80

NÚMEROS AVULSOS

Valor do Número Avulso	R\$ 0,50
Porte Avulso	R\$ 3,70

ORDEM BANCÁRIA

UG – 020055	GESTÃO – 00001
--------------------	-----------------------

Os pedidos deverão ser acompanhados de **Nota de empenho, a favor do FUNSEEP ou fotocópia da Guia de Recolhimento da União-GRU**, que poderá ser retirada no SITE: <http://consulta.tesouro.fazenda.gov.br/gru/gru-simples.asp> **Código de Recolhimento apropriado e o número de referência: 20815-9 e 00002** e o código da Unidade Favorecida – UG/GESTÃO: **020055/00001** preenchida e quitada no valor correspondente à quantidade de assinaturas pretendidas e enviar a esta Secretaria.

OBS: NÃO SERÁ ACEITO CHEQUE VIA CARTA PARA EFETIVAR ASSINATURA DOS DCN'S.

Maiores informações pelo telefone (0XX-61) 3311-3803, FAX: 3311-1053, Serviço de Administração Econômica Financeira/Controle de Assinaturas, falar com, Mourão ou Solange.

Contato internet: 3311-4107

**SECRETARIA ESPECIAL DE EDITORAÇÃO E PUBLICAÇÕES
PRAÇA DOS TRÊS PODERES, AV. N/2, S/Nº – BRASÍLIA-DF
CNPJ: 00.530.279/0005-49 CEP 70 165-900**



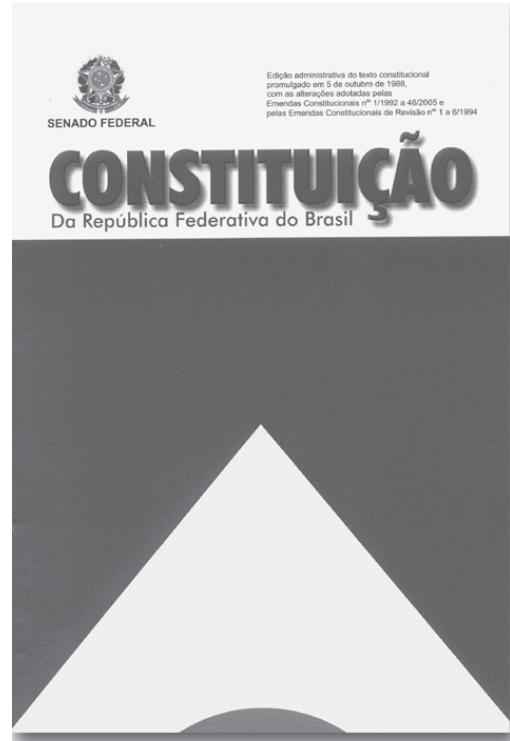
SENADO FEDERAL
Secretaria Especial de Edição e Publicações
Subsecretaria de Edições Técnicas

Constituição da República Federativa do Brasil (modelo livro)

Publicação com atualização permanente. Contém o texto constitucional de 5 de outubro de 1988, o texto integral das Emendas Constitucionais de Revisão, de nºs 1 a 6, e das demais emendas constitucionais e índice temático.

Conheça nosso catálogo na Internet

www.senado.gov.br/catalogo



Para adquirir essa ou outra publicação:

- 1) Confirme a disponibilidade de estoque utilizando os nossos telefones, *e-mail* ou por via postal.
- 2) Efetue depósito na conta única do tesouro (enfatizamos a importância do código identificador).

Banco: Banco do Brasil S/A (001)

Agência: 4201-3

A crédito de: Conta Única do Tesouro Nacional / FUNSEEP

Conta-corrente: 170.500-8

Código Identificador (imprescindível): 02.00.55.00.00.12.08.15-9

Observação: não é possível a utilização de DOC ou TED na transferência de valores para a Conta Única do Tesouro. É necessário que o depósito seja feito em uma agência do Banco do Brasil. Os correntistas do Banco do Brasil que utilizam o *internet banking* podem acessar o menu "Transferências", escolher a opção "para Conta Única do Tesouro", informando seu CPF/CNPJ, o valor da compra e, no campo "UG Gestão finalidade", o código identificador acima citado.

- 3) Encaminhe-nos, por via postal, fax ou *e-mail* (digitalizado), o comprovante do depósito, a relação do que está sendo adquirido, nome e endereço completo para remessa e informe um telefone para contato.



EDIÇÃO DE HOJE: 42 PÁGINAS